



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CLÁUDIO MARCOS VELOSO JÚNIOR

**A DECEPÇÃO EM *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*, DE
ALDOUS HUXLEY**

Londrina
2016

CLÁUDIO MARCOS VELOSO JÚNIOR

**A DECEPÇÃO EM *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*, DE
ALDOUS HUXLEY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Migliozi
Ferreira de Mello

Londrina
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Veloso Júnior, Cláudio Marcos .

A decepção em Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley / Cláudio Marcos Veloso Júnior. - Londrina, 2016.
101 f.

Orientador: Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.
Inclui bibliografia.

1. Admirável Mundo Novo - Tese. 2. Semiótica - Tese. 3. Paixões - Tese. 4. Decepção - Tese. I. Mello, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CLÁUDIO MARCOS VELOSO JÚNIOR

**A DECEPÇÃO EM *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*, DE ALDOUS
HUXLEY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Migliozi
Ferreira de Mello
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr^a. Fernanda Massi
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr^a. Angela Lamas Rodrigues
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 25 de outubro de 2016.

Dedico este trabalho a meu pai, Cláudio Marcos Veloso, e a minha mãe, Mirian Dias Veloso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado a capacidade de enfrentar todos os desafios que o mestrado me propôs.

Ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade.

A Osmar Velozo e Demerval Nogueira pelo apoio e pela amizade, que me permitiram poder realizar este sonho.

A João Batista Cabral e Maurício Vipieski pelo apoio e pela amizade, que me fortaleceram durante esses anos.

A Alexandre e Alexsandra Moraes pela amizade e pela confiança em meu trabalho.

A Stefani Pereira Pinheiro pelo companheirismo, que me ajudou a acreditar em mim mesmo e a me fortalecer para enfrentar não só os desafios do mestrado, mas também os desafios da vida.

A todos, o meu muito obrigado!

**Quem me dera ao menos uma vez acreditar
por um instante em tudo que existe e
acreditar que o mundo é perfeito e todas as
pessoas são felizes. (Renato Russo)**

VELOSO JÚNIOR, Cláudio Marcos. **A decepção em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley**. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

RESUMO

O presente estudo analisa a paixão da decepção na personagem John em *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 2009). Para tanto, o trabalho de dissertação utiliza como base metodológica a Semiótica das paixões. O objetivo desse estudo é verificar como a estrutura social apresentada na obra de Huxley influenciou na decepção da personagem John. Diante disso, analisaram-se as estruturas das sociedades na obra, o imaginário de John sobre esses lugares e seu percurso em procurar um lugar no mundo. Por ser pertinente na compreensão das estruturas sociais apresentadas na obra, a dissertação fez um levantamento do contexto sócio-histórico do autor na criação das estruturas das sociedades de *Admirável Mundo Novo*. O estudo divide-se em três partes. O primeiro momento dedica-se a fazer um levantamento teórico sobre a Semiótica das paixões. A segunda parte do estudo é voltada a analisar as estruturas sociais apresentadas na obra *Admirável Mundo Novo* e a fazer uma relação com o período sócio-histórico no qual o autor se insere. O último capítulo do estudo dedica-se exclusivamente à paixão da decepção de John e como ela foi surgindo na personagem durante seu percurso em busca de um lugar no mundo.

Palavras-chave: Semiótica. Paixões. *Admirável Mundo Novo*. Decepção. Desalienação.

VELOSO JUNIOR, Cláudio Marcos. **The disappointment in 'Brave New World' by Aldous Huxley**. 2015. 101 f. Dissertation (Masters in Literary Studies) - Londrina State University, Londrina. 2016.

ABSTRACT

This study analyzes the passion of disappointment in the character John from Brave New World, by Aldous Huxley. Therefore, this dissertation uses the semiotics of passions as a methodological basis. The aim of this study is to verify how the social structure presented in Huxley's oeuvre influences towards the character's disappointment. Thus, the structures of societies in the work are analyzed, as well as John's imaginary about those places and his journey in search for a place in the world. On account of its relevance to the understanding of social structures presented in the oeuvre, this study scrutinizes the socio-historical context of the author in creating the foundations of the societies in Brave New World. This work is divided into three parts. The first moment is dedicated to making a theoretical review of the Semiotics of passions. The second part of the study focuses on the analysis of social structures presented in Brave New World and relates them to the author's socio-historical period. The last chapter of the study is exclusively dedicated to John's passion of disappointment and to how it emerges in the character during his journey in search of a place in the world.

Keywords: Semiotics. Passions. 'Brave New World'. Disappointment. Disalienation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS SEMIÓTICOS	11
1.1 SEMIÓTICA E O PERCURSO GERATIVO	11
1.2 MODALIZAÇÃO	15
1.3 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE AS FASES DA SEMIÓTICA	16
1.4 AS PAIXÕES	18
1.5 SIMULACROS COMO FORMADORES DE PAIXÕES: O SUJEITO EM ESPERA	21
1.6 DECEPÇÃO: A QUEBRA DO ESTADO DE ESPERA	25
1.7 ENUNCIADO E ENUNCIÇÃO	29
2 CAPÍTULO 2 – A RELAÇÃO DAS ESTRUTURAS SOCIAIS DE ADMIRÁVEL MUNDO NOVO COM O CONTEXTO HISTÓRICO	33
2.1 A ESTRUTURA SOCIAL DE <i>ADMIRÁVEL MUNDO NOVO</i>	33
2.2 MALPAÍS	47
2.3 DIFERENÇAS DE CASTAS	49
2.4 PROPAGANDA	58
2.5 SOMA	61
2.6 SEXO	64
2.7 LIVROS	66
2.8 VIGILÂNCIA	69
3 CAPÍTULO 3 – DECEPÇÃO NA BUSCA DE IDENTIDADE	72
3.1 A PROCURA DE JOHN POR SEU LUGAR NO MUNDO	72
3.2 A DECEPÇÃO NO PROCESSO DE DESALIAENAÇÃO DE JOHN	80
3.3 O EXÍLIO DE JOHN	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	98

INTRODUÇÃO

A obra *Admirável Mundo Novo*, escrita pelo inglês Aldous Huxley e publicada em 1932, apresenta duas sociedades. A sociedade denominada de Estado Mundial tem a aparência de ser igualitária, cujos cidadãos vivem em constante harmonia. Essa harmonia faz com que essa sociedade não tenha conflitos. A outra sociedade fica em um região de selva. Essa sociedade é nomeada de Malpaís. Os habitantes dessa sociedade são nômades e, por esse motivo, são chamados de selvagens pelos cidadãos do Estado Mundial. Em Malpaís vive John, um rapaz que não é aceito em Malpaís por ser filho de estrangeiros. Motivado pela sua mãe, John anseia conhecer e se tornar um habitante de Londres.

A narrativa inicia com as ações da personagem Bernard Marx. Bernard é um cidadão do Estado Mundial. Embora possua uma função social prestigiada, ele não está contente com seu modo de vida. Por esse motivo, a personagem deseja conhecer Malpaís. Acompanhado da personagem Lenina, Bernard visita a reserva dos selvagens. Em sua estadia, Bernard conhece John. A partir disso, o enredo desenvolve-se com base no percurso de John em busca de tornar-se um cidadão do Estado Mundial. Em diversos momentos do percurso, a personagem se decepciona.

Por trazer diversas temáticas que englobam todo um período sócio-histórico e apresentar aspectos da condição humana, o romance *Admirável Mundo Novo* tem prestígio não somente no período de sua publicação, mas também nos dias de hoje. Dessa forma, a escolha por essa obra sucede por permitir compreender com apreço a respeito das concepções que abrange um determinado período histórico. O interesse desta dissertação está justamente na paixão da decepção de John. Para tanto, o presente trabalho utiliza como base metodológica a Semiótica greimasiana das paixões.

O estudo busca analisar como a estrutura da sociedade de Londres, exposta na obra, influencia a decepção da personagem. Para alcançar o objetivo, analisa-se como a estrutura social de *Admirável Mundo Novo* permite que John crie um imaginário sobre a sociedade de Londres e de que forma a quebra desse imaginário causa nele a decepção. Além disso, o presente trabalho faz um levantamento do

contexto sócio-histórico do autor na criação das estruturas das sociedades de *Admirável Mundo Novo*.

A base teórica da Semiótica é realizada na primeira parte deste estudo. Em um primeiro momento, o trabalho utiliza pressupostos teóricos de Greimas (1993), de Fontanille (1993), de Fiorin (1995; 1996; 2000; 2007; 2011; 2013; 2014), de Barros (1988; 1990; 1995; 1997), entre outros teóricos, para expor a noção de percurso gerativo. Em seguida, é feito um breve levantamento das fases da Semiótica para, assim, se chegar às paixões. Neste momento, dá-se maior ênfase à decepção e ao estado de espera e de confiança. Durante este levantamento teórico, são realizados apontamentos relacionados à obra.

A segunda parte deste estudo dedica-se à estrutura da sociedade de *Admirável Mundo Novo*. Relaciona-se a estrutura social apresentada na obra a aspectos pertencentes ao contexto sócio-histórico em que o romance foi escrito. Com isso, pretende-se alcançar o objetivo de verificar os aspectos do contexto histórico, que são referenciados na estrutura social da obra. O aspecto abordado com mais ênfase por este estudo diz respeito à ideologia marxista existente no período em que a obra foi publicada. A relação com o contexto histórico é pertinente ao trabalho devido ao fato de a decepção estar presente na população mundial nesse período. Além da Semiótica, este estudo utiliza textos de abordagem histórica de Eric Hobsbawn (1996), de Hanna Arendt (2013), de Tolstoy (1981) e de Walter Benjamin (2000).

A terceira parte do estudo dedica-se à análise da decepção de John. Explicitam-se, nesse momento, as características, as crenças, a origem e os anseios dessa personagem. A partir disso, demonstra-se como esses aspectos influenciam-no a criar um imaginário sobre seu lugar no mundo. Além disso, o estudo analisa como ocorre a quebra desse imaginário. Examina-se, ainda, o estado de espera e de confiança de John e como esses estados culminaram na decepção. Por fim, procura-se relacionar sua decepção com o contexto sócio-histórico da obra, para demonstrar que a decepção de John não é exclusiva dele, mas pertinente a esse período.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTOS SEMIÓTICOS

1.1 SEMIÓTICA E O PERCURSO GERATIVO

A partir da década de 60, a Linguística passou por transformações em seu campo de estudo. Nessa época, focou-se os estudos no âmbito da frase. Com base nas observações de Propp, os linguistas começaram a ver a frase como “um quadro problemático para a própria Linguística” (CHABROL, 1973, p. 12). Esse fato fez com que, nos anos 70, fosse visto a necessidade de substituir o estudo da frase pelo do texto. Essa evolução histórica do estudo da linguagem permitiu que, mais adiante, fossem desenvolvidas teorias sobre o discurso. A Semiótica de orientação francesa concebe o texto como objeto de significação e como objeto histórico.

O objetivo principal da Semiótica, como expõe Barros (1997, p. 7), é procurar “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. Entretanto, um ponto importante da Semiótica é que ela não ignora que o texto seja um objeto histórico (FIORIN, 1995, p. 164). Dessa forma, ao utilizar a Semiótica greimasiana como instrumento de análise do discurso, o pesquisador não parte somente do texto para buscar o sentido em relação ao que é dito e como é feito para se dizer. O semioticista também procura relacionar marcas deixadas no texto, como fatos ocorridos historicamente. Em certos textos, levar em consideração o contexto histórico é primordial para a compreensão do discurso. Esse é o caso do romance *Admirável Mundo Novo*. O romance de Aldous Huxley, publicado em 1932, possui diversas marcas que têm relação direta com o contexto sócio-histórico. Os nomes das personagens e seus hábitos, a estrutura social, fazem referências a fatos históricos.

A Semiótica concebe a produção do texto como um percurso gerativo, o que faz dela uma teoria gerativa. Ao se interessar por qualquer tipo de texto, a Semiótica torna-se também geral. Ademais, ela é também sintagmática. Sobre o percurso do texto, a Semiótica estabelece três patamares: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo.

O nível fundamental configura-se como uma oposição semântica que está na base do sentido do texto. Essa oposição ocorre de forma que dois termos possuem um traço comum, mas se opõem entre si. Exemplo de uma oposição semântica são os termos /masculinidade/ e /feminilidade/. Ambos estão no domínio da sexualidade e são contrários um ao outro. A oposição acontece ainda em relação ao valor que o termo recebe. Um dos termos recebe um valor positivo, enquanto o outro recebe um valor negativo. O termo com valor positivo recebe a marca de /euforia/, enquanto o de valor negativo recebe a marca /disforia/. O valor dado ao termo não parte de um aspecto histórico. Ele é determinado exclusivamente por meio do texto. Com isso, é possível que, em determinados textos, certo termo receba valor eufórico e, em outros, o mesmo termo receba um valor disfórico. Em uma narrativa, é possível atribuir a um termo várias qualidades negativas, o que faz com que esse termo tenha um aspecto disfórico. Como pode também ocorrer o contrário, ou seja, o termo pode receber diversos aspectos positivos, o que faz com que ele tenha um aspecto eufórico.

O nível narrativo trata de abordar a narratividade do texto, vista como “uma transformação de estado, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age sobre o mundo em busca de determinados valores investidos no objeto” (BARROS, 1995, p. 85). Quando se fala de sujeito, não se está necessariamente falando de uma pessoa, pode ser um objeto ou animal. Da mesma forma, quando se fala de objeto, pode se estar referindo a um objeto, a uma pessoa ou a um animal. A esse objeto é dado o nome de objeto-valor. Entende-se por objeto-valor “um objeto que dá um sentido – uma orientação axiológica – a um projeto de vida” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 44).

Para melhor explicar a narratividade, toma-se o exemplo de *Admirável Mundo Novo*. A obra narra que John quer conhecer uma sociedade que ele considera perfeita. Nesse contexto, John é o sujeito e essa sociedade é o objeto. O fato de John querer conhecê-la demonstra que ele investiu um valor nesse objeto e, assim, age sobre o mundo na tentativa de obtê-lo. Enquanto o sujeito não possui o objeto em que foi investido um valor, ele está em um estado denominado disjunção. No momento em que o sujeito possui o objeto, ele está em conjunção.

Dessa forma, as narrativas serão construídas com base nessa relação entre sujeito e objeto, relação esta que recebe o nome de enunciado de estado. Ela pode

ser de duas formas: “o de privação e a de liquidação de uma privação” (FIORIN, 2013, p. 28). A primeira acontece quando o sujeito está em um estado inicial conjunto e um estado final disjunto, ou seja, inicialmente possui o objeto de valor e, depois, perde a posse desse objeto; na segunda fase acontece o contrário, ou seja, um estado inicial disjunto e um estado final conjunto.

As ações que um sujeito realiza para conseguir o objeto são denominadas enunciado de fazer. Esses enunciados “são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado estado a outro” (FIORIN, 2013, p. 28). Na relação de John com seu objeto de desejo, o enunciado de estado é o da liquidação de uma privação. John, inicialmente, não possui o objeto que deseja. Em seguida, John começa a apropriar-se de valores modais e torna-se sujeito do fazer para, assim, estar em conjunção com o objeto de valor. Essa apropriação de valores modais é nomeado de competência. O momento em que os valores modais são utilizados é referido como performance. A competência e a performance fazem parte do enunciado do fazer.

Para sair do estado de disjunção e chegar à conjunção com o objeto, o sujeito passa por diferentes percursos. À forma com que esses percursos narrativos são organizados é dado o nome de sequência narrativa. Essa sequência abrange quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. A manipulação ocorre quando o sujeito é influenciado a atribuir um valor a um objeto. Essa atribuição pode ocorrer em duas formas: uma é quando “um sujeito age sobre outro para levá-lo a *querer e/ou dever fazer* alguma coisa” (FIORIN, 2013, p. 29, grifos do original). Outra situação é quando há um único sujeito que se manipula a *querer* ou *dever* fazer alguma ação ou obter algum objeto. A manipulação pode ocorrer de diferentes formas. As mais comuns são: a tentação, a intimidação, a sedução e provocação:

Quando o manipulador propõe ao manipulado uma recompensa, ou seja, um objeto de valor positivo, com a finalidade de levá-lo a fazer alguma coisa, dá-se a tentação. Quando o manipulador é obrigado a fazer ameaças, ocorre uma intimidação. Se o manipulador leva a fazer manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado, há uma sedução. Se ele impele à ação, exprimindo um juízo negativo a respeito da competência do manipulado, sucede a provocação (FIORIN, 2013, p. 30).

A competência, fase após a manipulação, como foi citado anteriormente, fundamenta-se pela aquisição de uma competência modal, assunto que será abordado mais adiante. Nesse momento, ao sujeito é atribuído o *saber e/ou poder* para assim realizar uma transformação central da narrativa (FIORIN, 2013, p. 30). A performance, fase também já citada anteriormente, refere-se à ação do sujeito para obter o objeto. Esse é o momento em que o sujeito coloca em prática sua competência modal para conseguir o objeto de valor. Na sanção, última fase da sequência narrativa, “ocorre a constatação de que a performance se realizou e, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação. Eventualmente, nessa fase, distribuem-se prêmios e castigos” (FIORIN, 2013, p. 31). Na sanção, o sujeito entra em conjunção com o objeto de valor. Essa conjunção pode ocorrer tanto de forma positiva como também negativa. Na forma positiva, o sujeito, ao entrar em conjunção com o objeto, é “reconhecido como cumpridor dos compromissos assumidos [e] julgado positivamente e recebe uma retribuição, sob a forma de recompensa” (BARROS, 1997, p. 35). A forma negativa de sanção é caracterizada com o sujeito recebendo um castigo por ter entrado em conjunção com o objeto desejado. Nesse tipo de sanção, o estado de conjunção não ocorre da forma que o sujeito desejava e, com isso, acaba sofrendo por ter esse objeto.

O nível discursivo tem a função de dar concretude ao discurso. O discurso é revestido de termos que fazem com que ele deixe de ser abstrato. Os termos aparecem na forma de figurativização, ou seja, figuras do conteúdo que “recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhe traços de revestimento sensorial” (BARROS, 1997, p. 72). O conjunto de figuras cria a tematização da narrativa, ou seja, é possível, por meio de diversas figuras que recobrem os percursos temáticos, compreender a temática da narrativa.

1.2 MODALIZAÇÃO

Em cada percurso narrativo são atribuídas, ao sujeito, diferentes modalizações. Estas modalizações dividem-se em duas categorias: enunciado de estado e enunciado de fazer. A do enunciado de estado “é também denominada modalização do ser e atribui existência modal ao sujeito de estado. A modalização de enunciados do fazer é, por sua vez, responsável pela competência modal do sujeito do fazer, por sua qualificação para a ação” (BARROS, 1997, p. 42-43).

Essas duas categorias vêm acompanhadas de quatro predicados, que também podem ser nomeados de modalidades. Os predicados são: o querer, o dever, o poder e o saber. A modalização é a união de um desses predicados com o enunciado de ser ou de fazer. Dessa forma, ao afirmar que o sujeito pode receber diferentes modalizações, está-se colocando que ele pode ser modalizado pelo *poder fazer, poder ser, querer fazer, querer ser, dever fazer, dever ser, saber fazer e saber ser*. Da mesma forma que o sujeito pode ser modalizado pelo *querer, dever, poder e saber*, ele pode ainda ter modalização predicada pelo *não querer, não dever, não poder e não saber*.

Fiorin (2000, p. 180) explica que “as modalidades podem ser expressas por meios lexicais ou por meios gramaticais. Todas as palavras lexicais podem manifestar modalidades”. Essas palavras podem ser consideradas como manifestações linguísticas que servem “de pistas para a compreensão da discursivização das modalidades” (FIORIN, 2000, p. 185).

O sujeito pode combinar diferentes modalizações ao mesmo tempo. Essas combinações podem ser compatíveis ou incompatíveis uma com as outras. Segundo Fiorin (2000, p. 184),

[...] quando tomamos, por exemplo, o dever ser, veremos que ele corresponde ao não poder não ser; o dever não ser, ao não poder ser. O não dever não ser, ao poder ser. A mesma correspondência pode ser estabelecida entre o dever fazer e o poder não ser.

As incompatibilidades modais acontecem quando, por exemplo, combinam-se um *querer fazer* e um *não poder fazer*, ou um *dever fazer* e um *não querer fazer*. A

modalização do sujeito é determinada pelo texto e se altera em cada momento da sequência narrativa. Pode-se perceber que a modalização do sujeito também depende de uma relação de poder. No momento do percurso narrativo em que a manipulação ocorre, percebe-se que a modalização do sujeito em querer ou dever fazer/ser é imposta por outro. Nesse caso, é o outro que determina, por meio da manipulação, o valor de um determinado objeto. E é a partir da atribuição desse querer ou dever que o sujeito age para realizar uma transformação e alcançar o objeto de valor. A modalização do sujeito também pode ser atribuída pelo local social em que ele está inserido. A manipulação, nesse caso, ocorre de modo que aspectos culturais e regras sociais existentes são os responsáveis por fazer com que o sujeito atribua a si determinadas modalizações. Em uma sociedade caracterizada como totalitária, por exemplo, o indivíduo é modalizado a não poder e não dever fazer diversas atividades. Em um local onde os habitantes frequentemente realizam uma determinada ação, o indivíduo é impulsionado a dever fazer essa ação.

Na manipulação, é mais frequente a existência de incompatibilidades modais. Nesse instante, o sujeito pode possuir o querer fazer; entretanto ele ainda está modalizado pelo não poder fazer. Esse tipo de sujeito é denominado virtual. Para realizar uma transformação e alcançar o objeto de valor, ele necessita de uma competência modal, ou seja, ele tem de “possuir pré-requisitos para isso” (FIORIN, 2000, p. 174). A aquisição desses pré-requisitos, na sequência narrativa, ocorre na competência. Nesse momento, o sujeito deixa de *não poder fazer/ser* ou não dever *fazer/ser* e começa a ter a capacidade de *poder fazer/ser* ou *dever fazer/ser*. Dessa forma, ele deixa de ser um sujeito virtual para tornar-se um sujeito atualizado. Na performance, o sujeito coloca em prática o poder fazer/ser ou dever fazer/ser e intenta realizar o seu querer *fazer/ser*. O sujeito, nesse instante, é considerado como potencial. Na sanção, o sujeito torna-se realizado. O sujeito realizado é aquele que executou a ação, que foi responsável pela transformação de estado da narrativa.

1.3 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE AS FASES DA SEMIÓTICA

A primeira e a segunda fases da Semiótica ficaram ligadas simplesmente à ação, ou seja, ao fazer do indivíduo. Não havia interesse pelo enunciado do ser. A

ideia de modalização surge na segunda fase da Semiótica. Por enfatizar a competência modal do sujeito, a segunda fase da Semiótica aborda as condições necessárias para a realização da ação do sujeito. Nesse momento, o estudo da Semiótica “se volta para os programas narrativos que modalizam o sujeito pelo *querer fazer*, pelo *dever fazer*, pelo *poder fazer* e pelo *saber fazer*” (MELLO, 2004, p. 125, grifos do original). Algo que diferencia essa fase da anterior é o fato de que a primeira estava preocupada com a ação e esta, com o estudo da manipulação; ou seja, a segunda fase não está preocupada somente com a relação do sujeito com o objeto, mas também com a relação entre sujeitos.

O estudo do enunciado do ser começa a ser priorizado apenas na terceira fase. Com isso, a terceira fase atenta-se às modalizações do *querer ser*, *dever ser*, *saber ser*, *poder ser*. Um cuidado que se tem nessa fase é diferir o ser do parecer. A relação do ser *versus* parecer recebe o nome de modalidade veridictória. Ao ter esse cuidado, a Semiótica, conforme Mello (2004, p. 135), resolve o problema da definição de verdade, visto que “a partir das modalizações veridictórias, a Semiótica passa a buscar não mais a verdade no texto, mas aquilo que o texto diz ser verdade”.

Pode-se exemplificar esta questão com um texto cuja personagem enuncia *querer ser* parte de uma sociedade, mas suas ações negam isso. A personagem, nesse sentido, *quer parecer* cidadão dessa sociedade, mas, na verdade, ele *não quer ser*. Em *Admirável Mundo Novo* isso ocorre com John em relação a seu lugar de origem. A personagem procura fazer todas as atividades que os demais praticam. A intenção de John, com isso, é *querer parecer* ser dessa sociedade. Entretanto, John *não quer ser* desse lugar. O seu desejo é *querer ser* de outro lugar. Como ele está modalizado a *não poder ser* de outro lugar e a *dever ser* do local em que ele se encontra, John é obrigado a *parecer ser* um cidadão contente para, assim, ser aceito socialmente.

O estudo do enunciado do ser e das modalizações do sujeito foi primordial para que a Semiótica percebesse a existência do estado de alma dos sujeitos, inaugurando a quarta fase dessa teoria. A evolução em seus estudos permitiu se investigasse e descrevesse as emoções humanas, ou seja, as paixões. O estudo das paixões não seria possível sem antes se entender como ocorre a relação do sujeito com o objeto e como é a modalização do ser, pois as paixões surgem, nesse

contexto, “como o resultado do jogo entre as modalidades do querer ser, do dever ser, do saber ser e do poder ser” (MELLO, 2004, p. 139). Diante disso, a Semiótica toma como base as fases anteriores para, em sua quarta fase, dedicar-se a abordar essencialmente o estado de alma dos sujeitos, ou seja, as paixões.

1.4 AS PAIXÕES

A concepção de paixão sofreu alteração a partir do século XVIII, como explica Fiorin (2007, p. 9). Antes desse século, os estados patêmicos eram considerados como patologia que se opunha à Lógica. Após o século XVIII, as considerações sobre paixão se alteram. A paixão começa a ser concebida como o elemento que “impõe o homem à ação e o que o eleva às grandes coisas” (FIORIN, 2007, p. 9).

A Semiótica das paixões reconhece a existência de “um componente patêmico a perpassar todas as relações das atividades humanas” (FIORIN, 2007, p. 9) e leva em consideração que esse componente está presente nos textos. Assim, a intenção da quarta fase da Semiótica é investigar esses estados patêmicos. A Semiótica, a partir disso, deixa de analisar simplesmente como foi o desenvolvimento do percurso gerativo do texto, e analisa também quais paixões estão presentes nele. Sobre o conceito de paixão, Greimas e Fontanille (1993, p. 84) relatam que

[...] as definições das paixões no dicionário comportam uma série de denominações taxinômicas que constituem como que grandes classes da vida afetiva; fizemos em francês o levantamento dos seguintes tipos: paixão, sentimento, inclinação, tendência, emoção, humor, disposição, atitude, temperamento, caráter, completado por locuções adjetivais como propenso a, suscetível a.

A Semiótica considera a relação entre o sujeito e seu objeto-valor e a relação entre sujeitos em diferentes momentos do percurso gerativo como fator determinante para suscitar as paixões nos sujeitos. Nesse sentido, para compreender as paixões, faz-se necessário compreender o valor dado ao objeto-valor, a situação do sujeito actante e a sua relação com outros sujeitos.

Essas paixões, também nomeadas de estados de alma, são descritas no nível discursivo por lexemas, tais como: cólera, amor, felicidade, tristeza, decepção, entre outros. Essas palavras são definidas culturalmente. A paixão “varia de um lugar para o outro, de uma época para a outra, e a articulação do universo passional define mesmo, até certo ponto, especificidades culturais” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 18). Por esse motivo, dicionários podem ser considerados um instrumento facilitador para compreendê-los, visto que esses instrumentos contêm uma carga de significação cultural.

A evolução no campo de estudo da modalização do ser foi um facilitador para analisar as paixões no texto, pois a Semiótica, no nível narrativo, as vê “como um arranjo de modalidade do ser, sejam elas compatíveis ou incompatíveis” (FIORIN, 2000, p. 177), ou seja, é a união de modalizações do ser que se interseccionam e se combinam. A combinação de uma modalidade com uma ou mais modalidades, sejam elas compatíveis ou não, cria uma determinada paixão. A felicidade, por exemplo, possui o arranjo de modalidade compatível entre o *querer ser* e *poder ser*.

Um fato que deve ser levado em consideração é que o arranjo de modalidades pode, muitas vezes, não ser suficiente para compreender qual paixão está-se abordando. Isso ocorre por, em si, as paixões não serem “propriedades exclusivas dos sujeitos – ou do sujeito – mas propriedades do discurso inteiro” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 21). Sobre esse aspecto, Fiorin (2000, p. 190) assinala:

[...] embora as paixões se caracterizem fundamentalmente pelo arranjo das modalidades, a modalização não é suficiente para produzir efeitos passionais, pois as mesmas organizações modais podem gerar ou não sentidos patêmicos. [...] A dimensão passional permite analisar, por meio dos procedimentos da convocação enunciativa, a retomada do contínuo no discurso. As configurações modais estão sobredeterminadas por uma modulação, que gera efeitos de sentido patêmicos.

Nessa perspectiva, insere-se a noção de aspectualização, temporalização e modulação tensiva. O discurso é o responsável por expor elementos que compõem as paixões. Por meio desses elementos, é possível diferenciar uma paixão da outra. Nesse momento, “o estudo das paixões passa a convocar, simultaneamente,

grandezas, em geral, discretas e categoriais – modalizações – e grandezas contínuas e articuladas – aspectualização e intensidade” (FIORIN, 2000, p. 190).

A aspectualização de uma paixão pode ser representada por uma ação acabada ou uma ação não começada e, também, se ela é pontual ou durativa. Sobre esse elemento, Greimas e Fontanille (1993, p. 85) explicam:

[...] a aspectualização, que retorna sem cessar, diz respeito tanto ao próprio movimento afetivo, que pode ser permanente – inclinação, temperamento, caráter, suscetível de –, durável – sentimento – ou passageiro – humor, emoção –, quanto às manifestações passionais, os comportamentos e os atos decorrentes; estes episódios podem ser contínuos – temperamento, caráter, inclinação.

A felicidade e o contentamento são exemplos de paixões que precisam ser definidas a partir da aspectualização. Tanto a felicidade como o contentamento têm o arranjo de modalidade entre o *querer ser* e o *poder ser*. Entretanto, a felicidade tem uma aspectualização durativa, enquanto o contentamento é pontual. Nessa mesma linha, Fiorin (2000, p. 190) cita outros exemplos:

Temos as paixões da duratividade, como o ressentimento; paixões da pontualidade, como a ira; paixões da perfectividade, como o remorso. Ao mesmo tempo, as paixões apresentam uma intensidade. A depressão exhibe um andamento lento, enquanto a agitação tem um andamento acelerado.

A temporalização refere-se ao tempo para o qual essa paixão se volta, ou seja, se ela se volta para o passado, o presente ou o futuro. Exemplo de paixão que se volta ao passado é o ressentimento. A existência do ressentimento decorre de um acontecimento anterior à manifestação da paixão. O contentamento é uma paixão voltada ao presente, por sua existência ter a influência de um acontecimento ocorrido no momento em que a paixão é manifestada. A confiança é um exemplo de paixão voltada ao futuro, pois a modalização do sujeito confiante está relacionada à possibilidade de um acontecimento futuro.

A modulação tensiva representa a intensidade da paixão. Segundo Fiorin (2007, p. 11), “há estados patêmicos intensos, como o furor, e extensos, como o

enfado: aqueles parecem ter objeto bem definido, como acontece com a tristeza, a felicidade, a indignação”.

A paixão da decepção possui o arranjo modal marcado pelo *querer ser* e pelo *não poder ser*. A partir do momento em que o sujeito percebe que ele *sabe não poder ser*, ele se decepciona. Isso faz com que ela possua sua temporalização voltada ao passado. A decepção tem uma aspectualização durativa, principalmente, por o sujeito que a sofre não conseguir sair desse estado negativo e indesejado. A modulação tensiva é intensa, a ponto de o sujeito manifestá-la por meio de gritos e agressões.

A temporalização voltada ao passado da decepção faz com que ela seja uma paixão complexa. Paixões complexas são aquelas “que resultam no encadeamento de vários percursos passionais” (GREIMAS, 1983, p. 225-226 apud FIORIN, 2007, p. 13), ou seja, ela é resultado de outras paixões que, no decorrer do percurso narrativo, desencadearam na decepção. O desencadeamento das paixões complexas pode ocorrer de duas formas: do relaxamento à tensão e da tensão ao relaxamento. Na decepção, há uma quebra de simulacro e um estado de espera nomeado espera fiduciária.

Daqui em diante, abordar-se-á a questão do simulacro e da decepção, que serão de fundamental importância para o entendimento dessa paixão no romance de Aldous Huxley.

1.5 SIMULACROS COMO FORMADORES DE PAIXÕES: O SUJEITO EM ESPERA

A criação de simulacros também é outro fator que influencia o surgimento de paixões. Saraiva (2011) faz um levantamento sobre o que Greimas e Courtés definem como simulacro. O pesquisador expõe que ambos os autores definem duas acepções para esse termo:

A primeira corresponde a um sinônimo de modelo. Nestes termos, a teoria semiótica é um simulacro, um modelo, de produção e interpretação do sentido: um simulacro do percurso gerativo do sentido, esvaziado de qualquer pretensão ontológica, porque não tem a meta de descrever o processo de geração real do sentido, com

as inevitáveis implicações de ordem psicológica e sociológica. Na segunda acepção, o termo serve ‘para designar o tipo de figuras, com o componente modal e temático, por meio das quais os actantes da enunciação se deixam mutuamente apreender, uma vez projetados no quadro do discurso enunciado’ (SARAIVA, 2011, p. 4).

A segunda acepção de simulacro refere-se àquilo que suscita paixões. O sujeito afixiona-se a uma determinada possibilidade e atribui um determinado valor a essa possibilidade. Determinadas paixões são manifestadas no sujeito devido a essa apreensão e alteram-se de acordo com o valor que ele lhe atribui. Nesse sentido, simulacro é a criação de um imaginário a respeito de um determinado objeto ou a um determinado sujeito com base nos discursos criados sobre eles. Bertrand (2003, p. 379) afirma:

[...] a projeção dos simulacros é a característica central da enunciação passional. Ela consiste em uma espécie de desdobramento imaginário do discurso. Nela o sujeito elabora objetos repentinamente dotados de qualidades sintáticas e semânticas inéditas: assim o afeto, elevado à condição de objeto, tende a tornar-se o parceiro-sujeito do sujeito apaixonado. A comunicação se estabelece então nesse segundo plano do funcionamento discursivo: na troca passional, cada um dos interlocutores dirige seus simulacros aos simulacros do outro.

Em *Admirável Mundo Novo*, John é uma personagem que tem sua vida influenciada por simulacros. Vive em um lugar recluso e, por esse motivo, não tem contato com outras modalidades sociais. Ele tem ciência da existência desses objetos devido a relatos sobre eles. Isso suscita na personagem o interesse de saber mais. Essas informações manipulam John a criar um imaginário sobre esses objetos e acredita-se que a personagem tenha determinados valores que, conseqüentemente, suscitam paixões.

O simulacro serve como impulso para o sujeito ser convencido a atribuir um valor a um determinado objeto. Com isso, para o sujeito ser manipulado, ele precisa ser impulsivo. Para Greimas e Fontanille (1993, p. 62), “a impulsividade pode ser traduzida como certa associação de querer fazer e de poder fazer, e se descreverá como uma maneira de fazer”. Os autores reiteram que “o impulsivo é, pois, mais um maneira de ser fazendo, uma maneira de ser” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p.

62). Ressalta Fiorin (2000, p. 190) que a “impulsividade define-se por um querer fazer, ao mesmo tempo que pela incoatividade e pela intensidade”.

Na obra de Aldous Huxley, o simulacro serviu como um impulso para a personagem John modalizar-se pelo *querer fazer*. Quando permitem a John *poder fazer*, ele age sem se preocupar com possíveis consequências, o que o caracteriza um sujeito impulsivo.

O simulacro é o responsável por criar o efeito de mira. O efeito de mira trata-se do foco que o sujeito possui. O sujeito escolhe determinado alvo, ou seja, determinado objeto, e age até conseguir esse objeto. Greimas e Fontanille (1993, p. 34) explicam que o efeito de mira pode ser decomposto em efeito-fonte e efeito-meta. O efeito-fonte refere-se à origem em que o valor é criado. O efeito-meta refere-se às ações do sujeito para alcançar seu objetivo.

Fazer com que o indivíduo valorize determinados hábitos e despreze outros é uma forma manipulativa de criar simulacros. A manipulação de simulacros se estende não apenas aos hábitos. Os valores, crenças e funções sociais são frutos de simulacros produzidos pelo meio social. Eles são, na maior parte, gerados por meio de discursos que exploram a criação de satisfação nos indivíduos. Isso faz com que os seres sociais sigam os mesmos simulacros e tenham, assim, os mesmos *objetos-valor*. *Admirável Mundo Novo* apresenta exemplos claros disso. A sociedade central dessa obra expõe, por meio de discursos, diversas informações sobre sua estrutura social. Isso manipula seus cidadãos a terem o simulacro de que a sociedade é da forma como esses discursos a apresentam. Consequentemente, as crenças e os *objetos-valor* são também determinados por esses discursos. Como todos são manipulados da mesma forma, todos possuem as mesmas crenças e os mesmos *objetos-valor*.

É possível que o indivíduo crie um simulacro ao colocar em um *objeto-valor* certos valores positivos. Entretanto, isso não prova efetivamente que esse objeto possui esse aspecto. É nesse sentido que surge o acordo fiduciário. O ato de fazer o outro crer em um determinado valor faz com que se crie um acordo entre ambos. Para que isso aconteça, um sujeito necessita de uma competência para fazer o outro crer em um determinado valor, enquanto o outro sujeito necessita ser convencido de que o valor estabelecido é verdadeiro e, assim, ficar modalizado a crer que o objeto possui realmente tal valor.

O sujeito modalizado a inserir em si determinado valor sobre um objeto fica em um estado de espera. Esse estado é denominado espera fiduciária. Barros (1988, p. 64) argumenta:

[...] na espera fiduciária, o sujeito do estado mantém com o sujeito do fazer uma relação fundamentada na confiança. O sujeito do estado pensa poder contar com o sujeito do fazer para realizar suas esperanças ou direitos, ou seja, atribui ao sujeito do fazer um /dever fazer/. Não se trata, na maior parte das vezes, de contrato verdadeiro e sim de contrato de confiança, um pseudocontrato ou contrato imaginário. Dessa forma, o sujeito do fazer não se sente obrigado a fazer, já que sua modalização deôntica não passa de produto da imaginação do sujeito do estado.

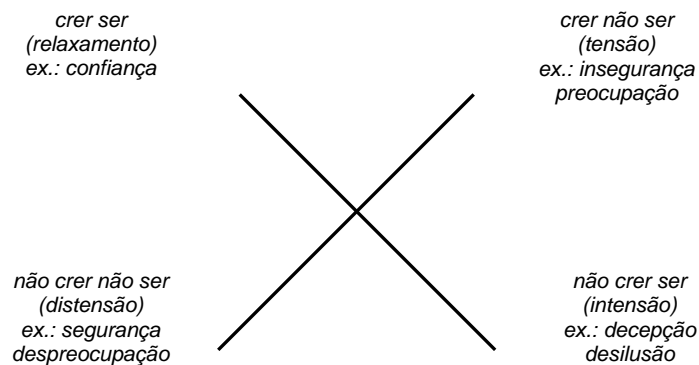
Sobre os seus simulacros, o sujeito do estado tem a confiança de que o valor que ele estabeleceu seja verdadeiro e que o que está em seu imaginário seja concretizado. No acordo fiduciário, ele mantém uma confiança com o sujeito do fazer. Nesse momento, surgem as paixões complexas, conforme ressalta Barros (1988, p. 63):

[...] as paixões complexas têm um estado inicial que Greimas (1981) denomina de espera. A espera pode ser simples ou fiduciária. Na espera simples o sujeito deseja estar em conjunção ou em disjunção com um objeto-valor, sem, no entanto, nada fazer para isso. Trata-se de uma paixão de 'ser acionado', distinta das paixões de ação, como a avareza, por exemplo (GREIMAS, 1981, p. 11). Na espera, o sujeito do estado deseja que a conjunção se realize, mas não quer ser o sujeito do fazer responsável pela transformação.

Com relação a *Admirável Mundo Novo*, a personagem John tem a confiança de que o valor a eles estabelecido seja verdadeiro. Isso faz com que a personagem fique em um estado de espera para conseguir obtê-los. O principal objeto que John espera conseguir é conhecer o lugar que ele chama de Outro Lado. O simulacro criado por John sobre esse local possui um valor positivo. Isso faz com que ele se modalize pelo *querer ser* desse lugar e fique à espera de modalizar-se pelo *poder ser*. Esse simulacro é fruto de um acordo fiduciário entre ele e sua mãe. A mãe de John fez com que o rapaz acreditasse nesse valor determinado ao Outro Lado. Por já ter sido de lá, a mãe faz com que John confie nessas informações.

1.6 DECEPÇÃO: A QUEBRA DO ESTADO DE ESPERA

Na espera fiduciária, surgem novas paixões. Esses estados de alma recebem uma nova modalização: *crer ser*. Elas são derivadas da confiança ou da decepção. Barros (1990, p. 64) configura um quadrado semiótico para exemplificar essas paixões baseada no *crer ser*:



Barros (1990) afirma que essas paixões estão relacionadas ao acordo fiduciário estabelecido entre o sujeito de estado e o sujeito do fazer, em que o sujeito de estado projeta uma confiança no sujeito do fazer. Piris (2009, p. 2) atesta que, antes de haver o acordo fiduciário, “primeiramente, há o estado inicial, pois os sujeitos não são já-confiantes ou já-decepcionados”.

No caso de John, a personagem não era já-confiante. Com base nos relatos da mãe, ele modalizou-se pelo querer ser do Outro Lado. Por não se sentir confortável em seu lugar de origem, ele começou a acreditar que não fosse daquele lugar, ou seja, modalizou-se pelo *crer não ser*. A partir disso, a personagem começou a *crer ser* do Outro Lado. O fato de John *crer não ser* de seu lugar de origem gerou nele um estado de tensão e a modalização do *crer ser* criou nele a confiança de achar um lugar no mundo. A confiança gera um apego no sujeito pelo objeto-valor. Greimas e Fontanille (1993, p. 183) definem que “um sujeito apegado a um objeto seria um sujeito cuja totalidade integral estaria consagrada a esse objeto”. Esse apego ocorre com John. A personagem se apega ao Outro Lado a ponto de esse objeto-valor tornar-se uma necessidade.

Entretanto, no momento em que John entra em contato com o Outro Lado, ele percebe que esse lugar não é da forma que se acreditava. Há, assim, um rompimento de seu apego. Quando o apego é rompido, o sujeito regressa à “fase pré-semiótica onde nada teria mais valor algum para ele” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 182). Insere-se, nesse contexto, uma crise de confiança na personagem. Mello (2005, p. 57) explica:

[...] a crise de confiança se instaura porque o contrato fiduciário estabelecido entre os dois sujeitos provou-se não ser compartilhado pelo sujeito do fazer. O sujeito da espera sabe que não pode mais contar com a colaboração do sujeito do fazer e que, portanto, seu desejo não vai ser alcançado. Com isso, o sujeito da espera é modalizado pelo não crer ser. É nesse momento que a espera transforma-se em decepção.

Com John, a quebra do acordo fiduciário foi com sua mãe. Ficou provado para a personagem que o que ele imagina sobre o Outro Lado não é o mesmo que ele vê agora. Ele está sozinho nesse Outro Lado e não pode mais contar com a colaboração de sua mãe. A espera de John em ser aceito como um indivíduo do Outro Lado se desfaz. As pessoas do Outro Lado não aceitam John da forma que ele é e procuram mudá-lo. John, com isso, modaliza-se pelo *não crer ser* do Outro Lado. O apego por esse lugar se desfaz e, por isso, nada mais tem valor para a personagem. Nesse momento, com a espera fiduciária frustrada, surge a decepção.

O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FIGUEIREDO, 2010) define decepção como “ato de enganar; surpresa; desilusão”. O *Dicionário on-line Aurélio* (FERREIRA), define esse termo como “ilusão perdida; desapontamento; malogro de uma esperança; desilusão”. Nota-se, então, que todas essas definições relacionam a decepção a uma expectativa não concretizada, que cria no sujeito uma sensação desagradável. Essa expectativa não concretizada é a quebra do simulacro. Enquanto fica na expectativa, o sujeito está em um estado de espera *querer ser*. Ao observar que sua expectativa não foi concretizada, o sujeito sente-se, inicialmente, frustrado. Após isso, se a expectativa do sujeito continuar a não ser concretizada, o estado de espera termina, o contrato de confiança se desfaz e surge, assim, a decepção.

Fiorin (2007, p. 15) ressalta que a decepção é um estado terminativo “susceptíveis de transformar-se num sentimento de falta, incoativo”. Para o autor, a insatisfação e decepção são paixões que se relacionam. Fiorin (2007, p. 15) assinala que

Na medida em que tínhamos duas esperas que conduziram, pela não realização do que se desejava, a um duplo descontentamento (a insatisfação e a decepção), há que distinguir uma falta objetual de uma falta fiduciária. Aquela é a carência do objeto que se desejava; esta é uma crise de confiança.

Barros (1990, p.65) salienta que a decepção possui um determinado percurso. Esse percurso é caracterizado pelo aumento de tensão. Para a autora, a decepção inicia-se no estado de relaxamento para, em seguida, ter um momento de intensão e finalizar em uma tensão. Nesse sentido, John *querer ser e crer ser* do Outro Lado é o momento de relaxamento. Quando John percebe que o objeto-valor não é da forma como acreditava, a decepção está no estado de intensão. Pode-se dizer que no momento de intensão ocorre a frustração do sujeito. O estágio de tensão ocorre com John no momento em que ele perde a confiança no Outro Lado.

A decepção faz com que o sujeito altere sua perspectiva em relação ao objeto-valor. O sujeito decepcionado configura objeto-valor com um valor disfórico. Aquilo que ele deseja conseguir passa a ser o que ele não quer ter contato. O objetivo do sujeito confiante é percorrer o percurso de sair de disjunção e atingir a conjunção com o objeto-valor. No caso do sujeito decepcionado, ele quer sair de conjunção para estar em disjunção com o objeto-valor. O sujeito decepcionado, dessa forma, inicia um novo percurso narrativo.

Ademais, a paixão da decepção age no sujeito de forma que pode desenvolver novos efeitos passionais. Barros (1990, p.65) cita que, nesse contexto, são paixões como a mágoa, a resignação, a aflição e a insegurança. Observa-se que as paixões desenvolvidas a partir da decepção são, em grande parte, paixões violentas. Greimas e Fontanille (1993, p. 18) explicam que, por meio das

[...] paixões violentas como a cólera, o desespero, o deslumbramento ou o terror, veríamos surgir a sensibilização, em sua pontualidade incoativa, como quebra do discurso, como fator da heterogeneidade, espécie de transe do sujeito que o transporta a um alhures imprevisível, que o transforma, gostaríamos de dizer, em um sujeito outro. É aí que a paixão aparece em sua nudez, como a negação do racional e do cognitivo, e que o sentir transborda no perceber.

As paixões violentas surgem devido ao sentimento de falta. Nesse momento, a ação do sujeito está voltada a fazer com que a falta do objeto-valor seja restaurada. Entretanto, por mais que haja nele um *querer fazer*, o sujeito é modalizado a *não poder fazer e não saber fazer*. Devido a essa modalização, o sujeito não sabe como agir. Como ele está em um estado de desconforto, ele age de qualquer forma, em uma tentativa de sair desse estado, o que faz seus atos serem irracionais.

Outra paixão presente no momento da decepção é o desespero. O desespero pode não ser diretamente ocasionado pela decepção. O desespero, ao estar ligado com a decepção, pode ocorrer quando o sujeito evidencia a quebra do simulacro. Nesse momento, ele percebe que está modalizado a *não poder ser e saber não ser*. Greimas e Fontanille (1993, p. 67) explicam que o

[...] o desesperado é modalizado segundo o dever-ser e o querer-ser e, por outro lado, ele não pode ser e sabe não ser. Em ambos os casos, a modalidade regente é o querer-ser, que pode desembocar tanto numa revolta ou numa depressão, de um lado, como num fazer teimoso, do outro.

Os autores reiteram que “tanto num caso como no outro, sujeitos modais acham-se em conflito; mas, para o desespero, o conflito é insolúvel e só pode chegar à aniquilação do ser” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 68). O suicídio, nesse sentido, é a atitude de um desesperado. Ao praticar o suicídio, o sujeito age de forma que nega toda a racionalidade e aniquila seu ser.

1.7 ENUNCIADO E ENUNCIÇÃO

Como as paixões são propriedades do discurso inteiro, ter conhecimento de todos os elementos do discurso é fundamental para evidenciá-las. O enunciador remete o enunciado ao enunciatário. Dessa forma, entende-se o enunciatário como aquele que receberá o enunciado. A Teoria Semiótica também estuda a enunciação. Barros (1997, p. 82) explica que a Semiótica “examina a enunciação enquanto instância pressuposta pelo discurso, em que deixa marcas ou pistas que permitem recuperá-la”. A autora expõe que é reconstruída

[...] a enunciação por meio da análise interna do texto: certos procedimentos do texto marcam, nos diferentes patamares do percurso gerativo, a relação entre o discurso e a enunciação pressuposta. Podem-se citar, entre outros, a determinação axiológica, no nível das estruturas fundamentais, o conflito ideológico instalado na narrativa entre os destinadores do sujeito, os valores que o sujeito assume e suas valores (BARROS, 1997, p. 82).

Barros (1997, p. 82-83) destaca o nível das estruturas discursivas como o momento em que a enunciação mais se revela. Incluídos nesse contexto estão as projeções da sintaxe do discurso, os procedimentos de argumentação e a escolha de temas e de figuras. Para Barros (1997, p. 83), “as escolhas feitas e os efeitos de sentido obtidos não são obra do acaso, mas decorrem da direção imprimida ao texto pela enunciação”. Com isso, há um caráter manipulador no discurso, embutindo em si uma ideologia que afasta toda neutralidade ou imparcialidade do texto.

Em *Admirável Mundo Novo*, por exemplo, o propósito da sociedade principal autocaracteriza-se como um lugar sem conflitos, igualitário, em que todos os indivíduos são felizes. O enunciador mostra uma sociedade com essas características. Porém, ele faz determinadas escolhas na criação do seu discurso que deixam pistas ao enunciatário de que o caráter igualitário e sem conflitos é inexistente. Nesse contexto, situa-se o caráter manipulador do enunciador. Como a escolha por expressar marcas da existência de diferentes castas, de pessoas que realizam atividades que outras pessoas não fazem. Personagens em estado de agonia, que precisam utilizar uma substância química para serem felizes, revela a ideologia do enunciador que claramente quer fazer com que o enunciatário tenha

consciência de que tudo isso é uma ilusão. Essas marcas “presentes no enunciado permitem reconstruir o ato enunciativo” (FIORIN, 1996, p. 22).

Para que o enunciador exponha sua ideologia, ele cria um acordo fiduciário com o enunciatário. O enunciador deve estabelecer um contrato entre ele e o enunciatário em que ambos se comprometem a ter um laço de confiança com o outro. No ato enunciativo, o enunciador compromete-se a expor a verdade para o enunciatário, enquanto o enunciatário se compromete a aceitar esse ponto de vista como verdade. Para o enunciador conseguir ter esse contrato fiduciário com o enunciatário, ele precisa ter a competência linguística necessária para convencer o enunciatário sobre sua verdade.

O enunciador pode optar por não falar explicitamente da paixão do sujeito. Ele pode deixar a paixão pressuposta no discurso. Nesse caso, o enunciador deixou de relatar a paixão no enunciado, mas deixou marcas no discurso que permitirão ao enunciatário, ao analisar a enunciação, evidenciar a paixão do sujeito. Dentro dessa perspectiva, há a diferença entre o “discurso apaixonado” e o “discurso da paixão” (GREIMAS, 1983, p. 246 apud FIORIN, 2007, p. 11-12).

O discurso apaixonado está presente na enunciação “quando dos elementos lingüísticos depreende-se um tom passional presente no próprio ato de tecer o texto” (FIORIN, 2007, p. 11). O discurso da paixão está presente no enunciado no momento em que a paixão é mencionada.

Em relação à decepção, quando essa paixão não está explicitada no enunciado, ela pode ser evidenciada na enunciação mediante as pistas dadas pelo enunciador. O sujeito, depois de tempos de espera, não consegue obter o objeto desejado; ou a personagem consegue obter o objeto, mas o que desejava não era como imaginava; após verificar que o objeto não está de acordo com o seu simulacro, a personagem age de forma comportamental, com gritos e gestos agressivos. O conjunto enunciativo que engloba todas essas marcas faz com que o enunciatário conclua que o sujeito está decepcionado.

Outro ponto importante sobre a enunciação, exposto por Greimas e Fontanille (1993, p. 18-19), é o de ela ser

[...] uma verdadeira práxis, lugar que vai-e-vem entre as estruturas convocáveis e estruturas integráveis, instância que concilia dialeticamente a geração – pela convocação dos universais semióticos – e a gênese – pela integração dos produtos históricos.

Por ser produto histórico, é fundamental levar em consideração o contexto histórico que permeia o momento em que o texto está sendo produzido. Sobre esse aspecto, Hutcheon (1991 p. 106) afirma: “a arte da enunciação sempre inclui um produtor enunciativo, bem como um receptor da enunciação, e por isso suas inter-relações constituem parte relevante do contexto discursivo”. Expõe, em outro momento, a relevância de considerar o contexto histórico do texto, ao invés de transferir a ênfase do momento de produção para o momento da recepção do texto:

Uma das formas que toma essa ênfase é o destaque dado aos contextos em que a ficção está sendo produzida – tanto pelo autor como pelo leitor. Em outras palavras, as questões da história e da intertextualidade irônica exigem uma consideração de toda a situação ‘enunciativa’ ou discursiva da ficção (HUTCHEON, 1991, p. 64).

Nesse mesmo sentido, assinala ainda que “o objeto – obra, romance, livro – rígido e isolado não tem a menor utilidade. Ele deve ser reinserido no contexto das relações sociais ativas” (HUTCHEON, 1991, p. 111). Dessa forma, considerar o contexto sócio-histórico em uma análise da enunciação é essencial para identificar o construto ideológico do texto. Como foi citado anteriormente, para Barros (1997, p. 83), todo discurso tem um caráter manipulador, afastado de toda neutralidade ou de imparcialidade.

Sobre esse assunto, Fiorin (2011, p. 21) expõe que “estudar a historicidade inerente a um texto é, assim, analisá-lo do ponto de vista das relações que um texto mantém com o outro. Isso é que é integrar a história sob o primado da forma”. O autor repudia o fato de a Semiótica ter “sido acusada, por suas origens estruturalistas, de não levar em conta a História” (p. 33). Para ele,

[...] A Semiótica, ao contrário do que afirma certa vulgata, nunca repudiou a historicidade do sentido. Recusou-se, no entanto, a considerar válida uma análise linguística acoplada a uma análise histórica do momento de produção do texto, cada uma feita com um princípio metodológico distinto. Ao contrário, ao propor a incorporação da História, sob o primado da forma, o que pretendeu foi, de um lado, estabelecer um mínimo de coerência epistemológica na análise do sentido; de outro, ver a História como interna e inerente ao sentido. A História não é externa ao sentido; ele é histórico porque se constitui num processo dialético.

A importância de levar em consideração a História em uma análise semiótica, no ponto de vista de Fiorin (2011, p. 23), é que ela é dialética. O autor assinala que “a História não é exterior ao sentido, mas ela é interna a ele, pois ele se constitui dialeticamente”. Nesse sentido, por meio da História, é possível captar dialeticamente o sentido, que “não existe no pensamento do linguista, mas está presente no objeto” (FIORIN, 2011, p. 23).

CAPÍTULO 2

A RELAÇÃO DAS ESTRUTURAS SOCIAIS DE *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO* COM O CONTEXTO HISTÓRICO

2.1 A ESTRUTURA SOCIAL DE *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*

Este momento do estudo é dedicado a abordar como as estruturas sociais apresentadas em *Admirável Mundo Novo* são configuradas. O estudo faz um levantamento de fatos históricos e os relaciona às estruturas sociais de *Admirável Mundo Novo* para, assim, investigar as influências do período histórico sobre a obra.

A obra *Admirável Mundo Novo* insere-se em um período em que a ideologia comunista marxista tinha grande influência. Netto (2006, p. 12) expõe que Marx acreditava que a constituição do mundo burguês culminou com um decisivo confronto de classes. O principal anseio da ideologia marxista era a constituição de uma sociedade sem esse confronto, ou seja, uma sociedade sem divisão de classes. Netto (2006, p. 12) explica que Marx confiava em uma revolução por parte dos proletários para atingir esse ideal.

A ideologia marxista começou a ser posta em prática, conforme Hobsbawm (1996, p. 62), em 1914, por meio dos partidos socialistas e do apoio de classes trabalhadoras, que se inseriam na maioria dos Estados europeus. O intento desses partidos socialistas era substituir o capitalismo pelo comunismo. A primeira inserção desse intento iniciou-se em outubro de 1917, com a Revolução Russa, também chamada de Revolução Bolchevique. Com base nos pensamentos do *Manifesto Comunista* (MARX; ENGELS, 1999), publicado originalmente em 1848, foi promulgada, em 1918, a primeira Constituição soviética, que “declara abertamente ser seu objetivo a criação de uma ditadura do proletariado, um governo poderosamente centralizado” (TOLSTOY, 1981, p. 20). Essa revolução concretizou-se por completo em 1930, conforme informa Hobsbawm (1996, p. 62), com a inserção de um estado totalitário e

[...] tornou-se portanto tão fundamental para a história deste século quanto a Revolução Francesa de 1789 para o século XIX. [...] Contudo, a Revolução de Outubro teve repercussões muito mais profundas e globais que sua ancestral. Pois se as idéias de Revolução Francesa, como é hoje evidente, duraram mais que o bolchevismo, as conseqüências práticas de 1917 foram muito maiores e mais duradouras que as de 1789.

Acerca dessa repercussão, Hobsbawm (1996, p. 63) explica:

[...] durante grande parte do Breve Século XX, o comunismo soviético proclamou-se um sistema alternativo e superior ao capitalismo, e destinado pela história a triunfar sobre ele. E durante grande parte desse período, até mesmo muitos daqueles que rejeitavam suas pretensões de superioridade estavam longe de convencidos de que ele não pudesse triunfar.

A Revolução Russa foi liderada por Lenin. Ele e seus camaradas foram os responsáveis pela Revolução Bolchevique e pela implementação de um governo provisório na Rússia. Criou-se, com isso, uma ditadura unipartidária, em que os bolchevistas, comandados por Lenin, tiveram todo o comando sobre a Rússia:

Em fevereiro de 1917 cai o regime imperial pelas mãos de trabalhadores e soldados de Petrogrado – São Petersburgo, até em 1914, Leningrado, da morte de Lenin até setembro de 1991, quando volta a chamar-se São Petersburgo –, famintos gelados e cansados da guerra. Lenin retorna da Europa ocidental um mês depois da forçada abdicação do czar. O governo então instaurado mostrou-se tímido e incapaz de estabelecer uma nova forma de expressão de vontade popular, pelo menos incapaz de criar um diálogo entre governantes e *intelligentzia* partidária. Nos vãos institucionais fortalecem-se os bolcheviques de Lenin, que, em outubro, encontrando fraca resistência, derrubam Kerenski e o governo provisório bombardeando, do cruzador Aurora, o Hermitage, ex-palácio de czares (FIGUEIREDO, 1992, p. 68).

Um dos feitos de Lenin na Revolução Russa foi, segundo Hobsbawm (1996, p. 67), transformar a “incontrolável onda anárquica popular em poder bolchevique”. Ele e seus camaradas utilizaram o *slogan* “Pão, Paz, Terra”, que “conquistou logo crescente apoio para os que o propagavam, em especial os bolcheviques de Lenin” (HOBSBAWM, 1996, p. 68).

Houve, nesse contexto, uma confiança em relação ao estado comunista. O *slogan* “Pão, Paz, Terra” e a ideia da extinção de diferenças de classes repercutiram de tal forma que muitos consideravam o comunismo como a forma de se eliminar a desigualdade no mundo. O *slogan* fez com que as pessoas criassem um simulacro em que um estado comunista era o ideal de sociedade. O governo bolchevista, com isso, agiu para fazer com que acreditassem que ele estava modalizado a poder fazer com que a miséria fosse extinta e a paz reinasse. A repercussão ocorreu de uma tal forma que fez com que os bolchevistas tivessem em mente a crença de que “a vitória bolchevique na Rússia era basicamente uma batalha na campanha para alcançar a vitória do bolchevismo, numa escala global mais ampla” (HOBBSAWN, 1996, p. 68). Criou-se, assim, um acordo fiduciário entre a população russa e o governo bolchevista. Os cidadãos russos estavam em um estado de espera para ver a forma com que o comunismo iria proceder em relação a forma de vida dos cidadãos e como esses ideais seriam postos em prática. Nessa espera, a população russa permaneceu ansiosa e esperançosa.

No entanto, com o passar dos anos, evidenciou-se que o aspecto de sociedade igualitária dessa comunidade nunca existiu, principalmente pelos ideais comunistas não terem sido respeitados. O *slogan* “Pão, Paz, Terra” se extingue. O termo Pão resulta em “uma geração, com um isolamento empobrecido e atrasado” (HOBBSAWM, 1996, p. 68). A paz transforma-se em uma guerra civil, em que “o supremo poder que ele originalmente planejava concentrar nos Sovietes passou definitivamente às mãos da burocracia do Partido” (ARENDDT, 2013, p. 448), cujo líder, Stálin, começa a comandar o Estado. Como medida para se preservar no poder, Stálin insere uma “férrea disciplina eliminando todos os rivais” (FIGUEIREDO, 1992, p. 69). Além de colocar “uma população de quase duzentos milhões inteiramente nas mãos da polícia, [...] ele exercia o poder absoluto sobre essa mesma polícia” (TOLSTOY, 1981, p. 73). O termo Terra transforma-se em um regime de escravatura nesse Estado:

O Estado comunista era mais rígido do que as conhecidas comunidades escravas do mundo antigo, e do que a dos negros nos Estados Unidos. Em primeiro lugar, as condições climáticas eram geralmente muito mais severas na União Soviética. Segundo, os escravos soviéticos invariavelmente eram separados das mulheres e dos filhos e proibidos de iniciar novos relacionamentos permanentes. Terceiro, os escravos soviéticos viviam normalmente em regiões

isoladas do resto da sociedade. Quarto, os escravos soviéticos sofriam um flagelo [...] a comunidade criminosa do campo, que, com conivência dos guardas, torturava dia e noite os infelizes prisioneiros; Quinto, o tratamento dos escravos soviéticos era especialmente cruel, porque não só eram considerados como meros instrumentos de trabalho barato, mas também como inimigos da nação (TOLSTOY, 1981, p. 26-27).

Diante disso, a confiança existente no estado soviético marxista foi desfeita. Houve uma descrença no imaginário de que esse Estado poderia vir a ser um lugar sem conflito e de igualdade. O resultado negativo obtido na Rússia bolchevista fez com que se criasse a ideia de que esse sistema é falho, principalmente por não satisfazer a população russa e não causar boa impressão externamente.

Determinadas marcas deixadas pelo enunciador permitem relacionar a sociedade apresentada no romance *Admirável Mundo Novo* com a Rússia no período em que a ideologia marxista foi implantada. Pavloski (2012, p. 115) ressalta a influência de governos totalitários na obra de Huxley. Para o autor,

[...] a formação, desde a década de 30, de governos essencialmente totalitários e violentos chamou a atenção de Huxley para outros dispositivos normalizadores possíveis, como o condicionamento ideológico por meio do ufanismo nacionalista (PAVLOSKI, 2012, p. 115).

A narrativa evidencia que essa sociedade começou a se constituir após uma guerra de proporção mundial, que durou nove anos, e sua constituição ocorreu devido à necessidade de se evitar a destruição. O enunciatário tem ciência dessa guerra a partir do momento que uma personagem explica a uma criança sobre a origem da constituição da sociedade.

– A guerra dos Nove Anos, o Grande Colapso Econômico. Era preciso escolher entre a Administração Mundial e a destruição. O liberalismo, naturalmente, morreu de carbúnculo, mas de qualquer forma, nada se podia realizar pela violência (HUXLEY, 2009, p. 91).

Hobsbawm (1996, p. 16), ao discorrer sobre o período sócio-histórico em que a obra de Huxley está inserida, explica que esse período foi abalado

[...] por duas guerras mundiais, seguidas por duas ondas de rebelião e revolução globais que levaram ao poder um sistema que se dizia a alternativa historicamente predestinada para a sociedade capitalista e burguesa e que foi adotado, primeiro, em um sexto da superfície da Terra, e, após a Segunda Guerra Mundial, por um terço da população mundial (HOBSBAWM, 1996, p. 16).

Baker (1990, p. 4) ressalta que a Guerra Mundial e a Revolução Russa foram influentes na obra *Admirável Mundo Novo*. A intenção de Huxley é abordar sobre a aceleração tecnológica ocorrida naquele período e, segundo Baker (1990, p. 4), essa aceleração ocorreu “especialmente numa sociedades impactadas pela guerra mundial e a revolução Russa”¹.

São dez os líderes do Estado Mundial. Eles são denominados de Administradores Mundiais:

Sua fordeza Mustafá Mond! Os olhos dos estudantes que o saudaram quase saltavam das órbitas. Mustafá Mond! O Administrador Residente da Europa Ocidental! Um dos Dez Administradores Mundiais! Um dos Dez... e ele senta-se no banco com o D.I.C., ia ficar ali, sim, ficar e falar-lhes, até... O saber ia chegar-lhes diretamente da fonte. Diretamente da boca do próprio Ford (HUXLEY, 2009, p. 72).

Na sociedade central de *Admirável Mundo Novo*, há a figura emblemática de Ford, visto nessa sociedade como um ser onipotente, responsável por ter estabelecido todas as regras sociais e por ter determinado todas as funções e atividades que os indivíduos devem realizar: “o saber ia chegar-lhes diretamente da fonte. Diretamente do próprio Ford” (HUXLEY, 2009, p. 72). Essas regras e funções são esclarecidas em um livro considerado sagrado, cuja autoria é atribuída ao próprio Ford:

Em cima da mesa, abaixo da janela, havia um volume maciço encadernado em macio *pseudocoro* preto e marcado com grandes TT dourados. Tomou-o e abriu-o. Minha vida e minha obra, por Nosso Ford. O livro havia sido publicado em Detroit, pela Sociedade para a Propagação do Conhecimento Fordiano (HUXLEY, 2009, p. 333-334, grifos do original).

¹ “especially in a society shaken by world war and Russian revolution” (tradução nossa).

Arendt (2013, p. 20) esclarece que, na Rússia bolchevista, “não existia outra lei a não ser aquela que a liderança do Partido considerasse como tal”. Em *Admirável Mundo Novo*, as leis são atribuídas ao nome de Ford. Por tratar-se de um ser onipotente, a figura de Ford é igualada a de um Deus. Em situações que envolvem assuntos a respeito da Psicologia, o nome de Freud é utilizado para designar esse ser onipotente:

Nosso Ford – ou nosso Freud, como, por alguma razão inescrutável, preferia ser chamado sempre que tratava de assuntos psicológicos –, nosso Freud foi o primeiro a revelar os perigos espantosos da vida familiar. O mundo estava cheio de pais – em consequência, cheio de aflição, cheio de mães (HUXLEY, 2009, p. 78).

Ford é qualificado como um líder que não comete erros. Esse fato pode ser relacionado com a Rússia bolchevista por, como explica Arendt (2013, p. 482), dessa mesma forma o líder da Rússia ter sido qualificado a partir da sua infalibilidade, devido ao seu conhecimento superior e à sua interpretação segura a respeito de fatos históricos ou naturais. Caso o líder viesse a cometer equívocos, era difundido que “o erro só pode ser uma fraude: o líder estava sendo representado por um impostor” (ARENDR, 2013, p. 511).

Outra relação da figura de Ford que pode ser feita com a Rússia desse período é que, da mesma forma que Ford é visto como figura emblemática, Lenin também o era para os bolchevistas, a ponto de os trabalhadores estarem “impregnados de emblemas soviéticos e cabeças de Lenin” (BENJAMIN, 2000, p. 179).

A escolha pelo nome de Ford e Freud pode ser interpretada como outra marca deixada pelo enunciador que relaciona a obra e o contexto histórico, principalmente pelo fato de figuras como Henry Ford² e Sigmund Freud³ terem sido influentes nesse período. O enunciador não expõe diretamente essa ligação no

² Henry Ford foi um “industrial norte-americano em grande parte responsável pela introdução das linhas de montagem e da produção em massa na indústria moderna” (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1973, p. 297).

³ Sigmund Freud, fundador da teoria psicanalítica, foi “uma das figuras fundamentais na história do pensamento moderno. Freud, a partir da Psicanálise, que criou, passou a exercer ampla influência na própria vida cotidiana dos homens” (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1973, p. 360).

enunciado. Entretanto, existem marcas, como relacionar Freud a assuntos de psicologia, que permitem ao enunciatário fazer essa relação.

Um dos possíveis interesses do enunciador em fazer referências a esses nomes é provocar no enunciatário a impressão de que as figuras apresentadas na obra são as de pessoas influentes no contexto sócio-histórico da obra. O enunciador manipula o enunciatário a misturar a realidade com elementos ficcionais. Dessa forma, o enunciatário começa a crer que a sociedade ficcional de *Admirável Mundo Novo* foi concebida devido aos feitos de Henry Ford e Sigmund Freud. Sobre esse aspecto, Umberto Eco (2012, p. 131) reflete:

[...] as referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas que, depois de passar algum tempo no mundo do romance e de se misturar elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito onde está.

Baker (1990, p. 83) ressalta a relação da deificação de Ford na obra *Admirável Mundo Novo* com a figura do industrial norte-americano:

A deificação do Henry Ford dentro de um tipo de religião secular ressalta a centralidade do taylorismo na visão de Huxley de uma tecnocracia, onde a biologia é um instrumento de política econômica. Ford, então, como personificação do Estado Mundial da tecnologia triunfante, requer alguma breve discussão. Entre 1910 e 1920 o nome de Henry Ford tornou-se sinônimo de avanços técnicos na produção industrial. A aparência do Modelo T em 1908 e a demanda aparentemente insaciável para o produto da Ford levou a uma série de inovações em métodos de produção. (tradução nossa).⁴

Outra referência que pode ser relacionada à Rússia bolchevista é a da economia. De acordo com Benjamin (2000, p. 172), “o Estado soviético interrompeu essa comunicação entre dinheiro e poder”. Na sociedade central de *Admirável Mundo Novo* não há a presença de dinheiro. A intenção em não haver dinheiro é

⁴ The deification of Henry Ford within a kind of secular religion underscores the centrality of Taylorism in Huxley’s vision of a technocracy where biology is an instrument of economic policy. Ford, then, as the World State’s personification of triumphant technology, requires some brief discussion. Between 1910 and 1920 Henry Ford’s name had become synonymous with technical advances in industrial production. The appearance of the Model T in 1908 and the seemingly insatiable demand for Ford’s product led to a series of innovations in production methods.

criar a aparência de que todos possuem o que querem. Há um contrato fiduciário entre o Estado e os cidadãos, em que o Estado fica responsável por fornecer todas as necessidades vitais, enquanto os cidadãos fornecem a mão de obra.

Calder apresenta outra possível interpretação para a sociedade projetada na obra *Admirável Mundo Novo*: extinguir o uso do dinheiro. Para ele, Huxley tem a intenção de refletir a respeito da influência capitalista existente na vida moderna. Calder (1976, p. 11) manifesta:

Huxley identified advertising as one of the formative influences on modern life [...] Advertising was a direct expression of the capitalist, consumer society ethic and linked with the tyranny of the machine [...] Right through Huxley's writings Henry Ford is a symbol both of the machine age and of conspicuous consumption, and in *Brave New World* God has become "Our Ford", money and machine inexorably linked. Money is one of the problems the new world has solved, for class is determined in the test tube and possessions are determined by class [...] The problems has been solved by rationalizing the *status quo*, confirming inequality in a cleanly scientific way.

Ambas as interpretações podem ser validadas por pesquisadores que, como Baker (1990, p. 21), considerarem a obra de Huxley como "uma denúncia do Capitalismo e Comunismo"⁵. Nesse sentido, o enunciador de *Admirável Mundo Novo* não tem a intenção de aureloar um determinar sistema e nem sobrepor um acima do outro. Por meio de sua obra, Huxley demonstra que tanto no Capitalismo como no Comunismo há falhas.

Em relação ao tempo da narrativa, o enunciador de *Admirável Mundo Novo* não cita especifica a data em que o tempo de narração ocorre. A enunciação deixa pistas de que a data é 632 anos após Ford: "nesse ano de estabilidade, 632 d.F., a ninguém ocorreria perguntar" (HUXLEY, 2009, p. 29). Partindo do pressuposto de que a figura de Ford é a de Henry Ford, e o calendário dessa sociedade inicia-se a partir do nascimento dele, presume-se que o tempo narrativo é 2495. O fato de o enunciador explicitar que "a ninguém ocorreria perguntar" a respeito da data demonstra que os indivíduos dessa sociedade estão modalizados a *não dever saber* datas. Constata-se, então, uma intenção de apagar informações aos cidadãos.

⁵ "a denunciation of Capitalism and Communism" (tradução nossa)

Além de mecanicista, a sociedade criada pelo enunciador de Aldous Huxley tem um caráter cientificista, o que confere a ela um aspecto futurista. O cientificismo está presente nessa sociedade, principalmente na concepção dos indivíduos. As pessoas são concebidas em laboratório. O responsável por esse processo é o Centro de Incubação e Condicionamento. Este, por sua vez, tem o controle da quantidade de pessoas que irão ser concebidas:

Era possível obter pelo menos cento e cinquenta óvulos maduros no espaço de dois anos. Que se fecunde e se boskanovskize – em outras palavras, que se multiplique esse número por setenta e dois, e se obterão onze mil irmãos e irmãs em cento e cinquenta grupos de gêmeos idênticos, todos quase da mesma idade, com uma diferença máxima de dois anos (HUXLEY, 2009, p. 34).

O pesquisador Antonio Saracino (2011, p. 6) reflete sobre a relação do processo de boskanovskização – que faz a concepção do indivíduo – com o processo de trabalho adotado por Henry Ford em suas indústrias:

[...] Processo de Boskanovsky é o principal instrumento de estabilidade social. Como ele trouxe de identidade: os indivíduos se inata sabe o seu lugar na sociedade. Parece que a Ford sabia sobre a importância de adequar os seus funcionários no mundo circundante. A fim de receber o seu 5 \$ salarial. A força de trabalho, que consistia principalmente de imigrantes [...] foram convidadas a assistir às aulas em escolas de língua inglesa (tradução nossa).⁶

Nesse momento, observa-se, novamente, que a escolha do enunciador por caracterizar a entidade superior dessa sociedade de Ford tem a intenção de refletir o contexto histórico do período da obra.

A narrativa expõe que há diversos Centros pelo mundo. Dentre os principais está o Centro localizado em Londres. É exposto, também, que o prédio desse Centro em Londres possui, em sua entrada, um *slogan*:

⁶ [...] Boskanovsky's process is the major instrument of social stability. As it brought identity: individuals would innately know their place in the society. It seems that Ford knew about the importance of fitting his employees in the surrounding world. In order to receive his 5\$ wage. Ford's workforce, which consisted mainly of immigrants [...] were requested to attend American classes in English-speaking schools.

Um edifício cinzento e achatado, de trinta e quatro andares apenas. Acima da entrada principal, as palavras Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central e, num escudo, o lema do Estado Mundial: Comunidade, Identidade, Estabilidade (HUXLEY, 2009, p. 27).

O termo “Comunidade, Identidade, Estabilidade” é considerado o *slogan* do Estado Mundial, o que remete ao “Pão, Paz, Terra” utilizado por Lenin na Revolução bolchevista. Os indivíduos levam esse *slogan* como preceito de vida em *Admirável Mundo Novo*. Por esse motivo, determinados personagens o repetem constantemente durante a narrativa:

– Estabilidade – disse o Administrador. – Estabilidade. Não há civilização sem estabilidade social. Não há estabilidade social sem estabilidade individual [...] – Estabilidade – insistiu o Administrador. – Estabilidade. A necessidade fundamental e definitiva. Daí, tudo isto (HUXLEY, 2009, p. 82-83).

Sobre a escolha da narrativa por Londres, essa também pode ser vista como uma marca deixada pelo enunciador que referencia ao contexto histórico. Baker (1990, p. 4) afirma que Huxley possuía a preocupação em abordar “a intensa industrialização do século XX, e pelo avanço na tecnologia que foi rapidamente alterando as fábricas da sociedade britânica” (tradução nossa)⁷. Dessa forma, a opção por Londres é para que o enunciatário tenha sua atenção voltada para a Inglaterra, principalmente porque, como afirma Baker (1990, p. 47), *Admirável Mundo Novo* é “uma expressão dos medos e esperanças do sociedade britânica da década de 20” (tradução nossa).⁸ Sobre isso, Pavloski (2012, p. 4) disserta:

No romance *Admirável mundo novo*, a forma ambivalente como a classe dominante é representada é uma das consequências da formação social do autor. Ainda que sustentada por meio de mecanismos biológicos, químicos e psicológicos, a rígida estrutura social distópica criada por Huxley apresenta semelhanças com a Inglaterra do início do século XX, onde aos membros da chamada ‘rulling class’ cabiam o direito e o dever de conduzir o destino de toda a nação.

⁷ “intense industrialization of the twentieth, and by the advances in technology that were rapidly altering the fabric of British society” (BAKER, 1990, p. 4)

⁸ “an expression of the fears and hopes of British society of the 1920s” (BAKER, 1990, p. 47).

Diante disso, observa-se que a escolha por Londres não é arbitrária. O enunciador opta por situar a capital do Estado Novo em Londres para, novamente, deixar marcas ao enunciatário que se relacionam ao contexto sócio-histórico da obra.

Em relação ao Centro de Incubamento e Condicionamento, ele também é o responsável por prevenir a fertilidade dos indivíduos. A prevenção de fertilidade ocorre com a intenção de fazer com que a concepção só aconteça em laboratório, evidenciando, desse modo, que nessa sociedade a população é controlada. A prevenção tem início já no processo de nascimento dos indivíduos, quando se procura fazer com que todos nasçam inférteis para, assim, não haver a possibilidade de terem filhos. Uma personagem expõe como é realizada a concepção dos indivíduos de forma que eles nasçam estéreis:

Por isso deixamos que se desenvolvam normalmente até trinta por cento de embriões femininos. Os outros recebem uma dose de hormônio sexual masculino a cada vinte e quatro metros, durante o resto do percurso. Resultado: são decantados como neutros, absolutamente normais sobre o ponto de vista de estrutura (salvo – viu-se obrigado a reconhecer – o fato de terem, na verdade, uma ligeira tendência para o aparecimento de barba), mas estéreis (HUXLEY, 2009, p. 40).

Acrescente-se a isso a propagação de remédios que impedem a fertilidade. Em certo período da vida das mulheres, a elas é imposta a utilização de medicamentos que previnem a gravidez. Em um determinado momento da narrativa, a personagem Fanny explica esse remédio e o uso dele:

– Já faz algum tempo que não venho me sentindo bem – explicou Fanny. – O Dr. Wells me aconselhou a tomar um Sucedâneo de Gravidez. – Mas, querida, você tem apenas dezenove anos de idade. O primeiro Sucedâneo de Gravidez não é obrigatório senão aos vinte e um anos. – Sei disso, querida. Mas há pessoas que se sentem melhor começando mais cedo. O Dr. Wells me disse que morenas de quadris largos, como eu, deveriam tomar seu primeiro Sucedâneo de Gravidez aos dezessete anos. De modo que, na realidade, eu estou atrasada dois anos e não adiantada (HUXLEY, 2009, p. 76).

Também é imposto às mulheres a realização de exercícios com esse mesmo propósito: “– Exercícios Malthusianos – explicou a Diretora. – A maioria das nossas

moças é neutra, já se vê. Eu própria sou neutra” (HUXLEY, 2009, p. 252). Diante disso, constata-se que, por essa sociedade proibir a concepção natural, os mecanismos que impedem a fertilidade são utilizados para modalizar as pessoas a não poderem ser pais. Os termos pai, mãe e filho, com isso, recebem um teor disfórico, por serem desvalorizados e vistos com repugnância pelos indivíduos:

– Em uma palavra – resumiu o Diretor –, os pais eram o pai e a mãe.
 – Essa indecência, que, na realidade, era ciência, caiu com estrépito no silêncio daqueles jovens, que não ousavam olhar-se. – A mãe – repetiu ele em voz alta, para fazer penetrar bem fundo a ciência; e, inclinando-se para trás na cadeira, disse gravemente: – São fatos desagradáveis, eu sei. Mas é que a maioria dos fatos históricos é mesmo desagradável (HUXLEY, 2009, p. 57).

Caso ocorra de uma pessoa conceber um filho, é caracterizada como criminosa. O indivíduo que não respeita a modalização de não poder ser pai ou mãe é punido. A punição a quem comete esse crime é o de ser desvinculado de suas funções sociais. O indivíduo é exposto a uma situação vexatória, e os outros o considerarão como um animal. Exemplo dessa situação ocorre durante a narrativa quando uma personagem se sente um animal por ter tido filho e se sente reclusa por não poder demonstrar que teve um filho para não passar por um vexame:

Eu não sou tua mãe! Não quero ser tua mãe! – Mas, Linda... Oh! – Ela deu-lhe uma bofetada. – Transformada numa selvagem! – vociferou. – Tendo filhos como um animal!... Se não fosse por tua causa, eu poderia ter ido procurar o Inspetor, poderia ter saído daqui. Mas não com um bebê. Teria sido vergonhoso demais (HUXLEY, 2009, p. 200).

Aldous Huxley (1959, p. 22) reflete, em um ensaio, que “a superpopulação gera insegurança econômica e intranquilidade social. Intranquilidade e segurança conduzem a maior controle por partes dos governos e a um aumento de autoridade”. Além disso, Huxley (1959, p. 22) expõe sua crença de que, em um momento futuro ao seu contexto sócio-histórico, “todos os países subdesenvolvidos e superpovoados do mundo estarão sob uma forma de domínio totalitário”. Percebe-se, nesse sentido, que o controle de natalidade existente em *Admirável Mundo Novo* possui um caráter profético ao momento sócio-histórico da obra. O enunciador aproveita-se da obra para acautelar um possível rumo para a

humanidade, ou seja, um Governo autoritário que, para fornecer tranquilidade e segurança a seus cidadãos, necessitará ter o controle social.

Crime, para a sociedade de *Admirável Mundo Novo*, são todas as ações que transgridam a ordem social. Em outras palavras, toda ação que não é estabelecida socialmente é considerada crime. Essas ações são denominadas antifordianas. Nesse contexto, observa-se que os sujeitos são modalizados a dever fazer todas as ações que lhes são impostas. Além do dever fazer, os indivíduos são modalizados a não poder não fazer, ou seja, eles não podem optar por não fazer o que lhes é imposto. O dever fazer, nesse sentido, refere-se à obrigação do indivíduo. Caso alguém opte por não fazer o que lhes é imposto, o indivíduo é considerado criminoso. A punição para esse crime é o exílio:

A fim de que seu castigo possa servir aos melhores interesses da Sociedade, o mais afastado possível de todo Centro populacional importante. Na Islândia ele terá muito poucas oportunidades de desencaminhar os outros com seu exemplo antifordiano. – O Diretor calou-se um instante; depois, cruzando os braços, voltou-se com ar imponente para Bernard. – Marx – disse –, pode apresentar alguma razão para que eu não execute neste instante a sentença que acaba de ser pronunciada contra o senhor? (HUXLEY, 2009, p. 235).

A concepção de morte também é desvalorizada. A morte é considerada como algo rotineiro. Os indivíduos, desde a nascença, são condicionados a considerar a morte como parte do cotidiano e a se portar de forma neutra diante dela. São dados prêmios às crianças quando elas presenciarem a morte. O objetivo desse prêmio é inserir no imaginário das crianças um aspecto positivo a respeito da morte:

A enfermeira estava sem saber o que fazer, olhando ora a figura ajoelhada ao pé da cama – que exibição escandalosa –, ora – pobres crianças! – os gêmeos que tinham interrompido o brinquedo de zipfurão e, do outro extremo da sala, olhavam embasbacados, com os olhos esbugalhados e as narinas abertas, a cena chocante no Leito 20. Deveria falar-lhe? Procurar despertar nele o senso de decoro? Lembrar-lhe onde se achava? O prejuízo fatal que poderia causar àqueles pobres inocentes? Destruindo assim todo o saudável condicionamento deles para a morte, com aquele repugnante alarido – como se a morte fosse uma coisa horrível, como se alguém tivesse tanta importância! Isso poderia dar-lhes as ideias mais desastrosas sobre o assunto, desorientá-los e fazê-los reagir de modo inteiramente errado, completamente antissocial. [...] Não, o risco era demasiadamente grande; o grupo poderia ficar retardado seis ou

sete meses no seu condicionamento. Ela voltou correndo para seus pupilos em perigo. – Vamos, quem é que quer uma bomba de chocolate? (HUXLEY, 2009, p. 315-316).

Evidencia-se, assim, que o indivíduo, nessa sociedade não possui significância. Nem no momento da morte há consideração pelos seus serviços prestados. São caracterizadas como objetos. O controle da quantidade e das funções dessas pessoas é o que faz com que elas sejam consideradas como objetos. Esse controle faz com que o indivíduo se torne substituível. Quando um indivíduo morre, outro é colocado em seu lugar, para executar a mesma função. Esse fato o torna insignificante e sua morte irrelevante, já que seu serviço pode, imediatamente, ser feito por outro.

O local onde essa sociedade se localiza tem um caráter totalitário. Ela é considerada a sociedade central, em que se é dado o aspecto de dominador de todo o globo terrestre. Por esse motivo, ela é denominada Estado Mundial. A cidade de Londres é considerada a principal cidade dessa sociedade. Todas as decisões do Estado são tomadas nessa cidade. O aspecto de dominador remete aos estados totalitários existentes no período dessa obra. Sobre os estados totalitários, Hannah Arendt (2013, p. 563) expõe que o objetivo principal deles é o de domínio total do mundo. Nesse contexto, rejeitam

[...] a soberania nacional e acreditam, como Hitler disse certa vez, num império mundial à base de uma nação. Não se satisfazem com a revolução num determinado país, mas visam a conquista e domínio do mundo (ARENDR, 2013, p. 494).

Salienta Arendt (2013, p. 372):

A desnacionalização tornou-se uma poderosa arma da política totalitária, e a incapacidade constitucional dos Estados-nações europeus de proteger os direitos humanos dos que haviam perdido os seus direitos nacionais permitiu aos governos opressores impor a sua escala de valores até mesmo sobre os países oponentes.

Arendt (2013, p. 438) afirma que a intenção do governo totalitário é organizar as massas. Os governos totalitários influenciam a vida dos indivíduos. Em certos

momentos, esses governos “foram levados a descartarem o povo” (ARENDDT, 2013, p. 368). O Estado totalitário

[...] é Estado apenas na aparência, e o movimento não se identifica verdadeiramente nem mesmo com as necessidades do povo. O movimento, a essa altura, está acima do Estado e do povo, pronto a sacrificar a ambos por amor à sua ideologia (ARENDDT, 2013, p. 368).

O fato de o enunciador expor que a vida dos indivíduos não tem valor pode ser interpretado como uma marca deixada na enunciação que relaciona a obra aos Estados totalitários existentes nesse período histórico. Tanto em *Admirável Mundo Novo* como nos Estados totalitários, a vida do sujeito é descartável e sem valor. Nos dois contextos, a manutenção do Estado é mais importante que a vida do indivíduo. Em *Admirável Mundo Novo* há um discurso social preocupado com a vida e com a felicidade dos indivíduos; entretanto, a vida deles é guiada de acordo com a necessidade do Estado.

A principal característica da sociedade de *Admirável Mundo Novo* é a esterilização: “Civilização é Esterilização” (HUXLEY, 2009, p. 190). Por se tratar de um local descontaminado de qualquer impureza, os cidadãos ficam imunes às doenças.

2.2 MALPAÍS

A narrativa de *Admirável Mundo Novo* evidencia uma sociedade localizada no Novo México. Nomeado de Malpaís, essa sociedade consiste em uma reserva onde seus habitantes vivem de forma primitiva. Por esse motivo, os cidadãos de Londres nomeiam essa sociedade de Reserva de Selvagens. O Estado Mundial figuratiza essa reserva como um local sujo, sem nenhum proveito, isolado, povoado por selvagens que praticam atividades diferentes às da sociedade predominante: “Lá fora, no meio da poeira e do lixo – havia agora quatro cães –, Bernard e John caminhavam lentamente de um lado para outro” (HUXLEY, 2009, p. 195). O conjunto dessas figuratizações cria um aspecto negativo de Malpaís, o que faz com que a sociedade do Estado Mundial não se interesse por ela:

John ficou sabendo que ‘uma Reserva de Selvagens é um lugar que, devido a condições climáticas ou geológicas desfavoráveis, ou à pobreza de recursos naturais, não compensa as despesas necessárias para civilizá-lo’ (HUXLEY, 2009, p. 252).

Discursos que difamam Malpaís criam, nos cidadãos, o simulacro de que essa reserva não tem nenhum proveito para eles. Esse simulacro dá a Malpaís um aspecto disfórico, que faz com que os cidadãos *não queiram saber* como é esse lugar. Os que eventualmente passam a *querer saber* como é Malpaís são guaidos pelos outros indivíduos a *não querer* ir para lá:

– Tive a mesma ideia que o senhor – dizia o Diretor. – Eu queria ver os selvagens. Obtive uma autorização para ir ao Novo México e lá fui durante minhas férias de verão. Acompanhado da moça com quem eu andava naquela ocasião. Era uma Beta-Menos e creio... – fechou os olhos – creio que tinha cabelos louros. Em todo caso, era pneumática, excepcionalmente pneumática; disso me recordo. Pois bem, nós fomos, observamos os selvagens, passeamos a cavalo e tudo mais. E então – foi quase no fim da minha licença –; e então, bem, ela se perdeu (HUXLEY, 2009, p. 157).

A ida a Malpaís é propiciada a determinadas pessoas. Apenas as pessoas com prestígio social são autorizadas a conhecer Malpaís. Mesmo que um indivíduo possua prestígio social e *queira saber* como é Malpaís, ele necessita de uma autorização para poder ir a essa reserva. Há resistência em conceder a licença, o que mostra que o Estado Mundial tem o interesse de manter seus cidadãos modalizados pelo *não querer saber* como é essa Reserva:

O Diretor lançou-lhe um olhar azedo. Mas o papel trazia o timbre do Gabinete do Administrador Mundial, e a assinatura de Mustafá Mond, nítida e em preto, se estendia embaixo da página. Tudo estava perfeitamente em ordem. O Diretor não tinha outro remédio. Escreveu a lápis sua rubrica – duas pálidas e pequenas letras, humildemente prostradas aos pés de Mustafá Mond – e ia entregar o papel sem uma palavra de comentário ou despedida benevolente, quando seu olhar foi atraído por qualquer coisa escrita no texto da autorização (HUXLEY, 2010, p. 155).

Pela citação acima, demonstra-se que a Reserva de Selvagens, além de isolada, é um local recluso. A escolha do enunciador por Novo México também possui referências ao contexto sociocultural do período da obra. Novo México é

localizado nos Estados Unidos da América. Essa região é rural. Com isso, a escolha por esse nome é uma marca deixada para o enunciário de que a obra está contextualizando também aspectos dos Estados Unidos.

2.3 DIFERENÇAS DE CASTAS

Em *Admirável Mundo Novo*, há diferenças de castas, assim como havia no Estado russo após a revolução bolchevista: “A Rússia de hoje é não apenas um Estado de classes, mas, antes, de castas” (BENJAMINM, 2000, p. 173). Há cinco diferentes castas no Estado Mundial, em *Admirável Mundo Novo*: Alfa, Beta, Gama, Delta e Ípsilon. Um dos fatores que determina a que casta o indivíduo irá pertencer é sua aparência física. O Centro de Incubamento e Condicionamento é responsável por condicionar a qual grupo o indivíduo deve pertencer. Dessa forma, os indivíduos já nascem em uma determinada casta, sem ter o privilégio da liberdade de escolha.

Constata-se, com isso, uma forma de controle social, em que o processo de incubamento e condicionamento é responsável por modalizar os indivíduos a *dever ser* de uma determinada casta. O controle social também ocorre pelo fato de, por meio desse processo, ser possível a precisão na quantidade de pessoas para cada casta. Por esse motivo, os responsáveis pelo processo são os detentores do poder, por serem eles que estabelecem o controle social, em *Admirável Mundo Novo*.

Mediante a casta são determinadas as funções que os indivíduos devem exercer. Ou seja, os indivíduos *devem fazer* a função respectiva à sua casta e, por esse motivo, suas características já são programadas para o bom desempenho da sua função:

– Considerem o cavalo. – Os rapazes consideraram. – Maduro aos seis anos; o elefante, aos dez. Enquanto, aos treze anos, um homem ainda não está sexualmente amadurecido, e não é adulto antes dos vinte anos. Daí, naturalmente, esse fruto do desenvolvimento retardado: a inteligência humana. – Mas nos Ípsilons – disse com muita propriedade o Sr. Foster – nós não precisamos de inteligência humana. Não precisavam dela e não a obtinham. Mas, ainda que nos Ípsilons o espírito estivesse maduro aos dez anos, eram necessários dezoito para que o corpo ficasse em condições para o trabalho (HUXLEY, 2009, p. 42-43).

A existência, a hierarquia e as funções dessas castas podem ser observadas por marcas deixadas no enunciado, marcas estas presentes principalmente nas afirmações dos personagens:

As crianças Alfas vestem roupas cinzentas. Elas trabalham muito mais do que nós porque são formidavelmente inteligentes. Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta, porque não trabalho tanto. E, além disso, somos muito superiores aos Gamas e aos Deltas. Os Gamas são brancos. Eles se vestem de verde e as crianças Deltas se vestem de cáqui. Oh, não, não quero brincar com crianças Deltas. E os Ípsilons são ainda piores. São demasiado brancos. (HUXLEY, 2009, p. 62).

Como se verifica pela citação acima, a casta mais elevada na pirâmide social são os Alfas. Eles são a minoria, os que detêm o poder, os que compõem os altos escalões do Governo e os que são responsáveis por manter a ordem social. A casta que vem em segundo lugar na pirâmide social são os Betas. A esses cabem funções não tão importantes quanto as dos Alfas, mas com mais prestígio do que as das classes inferiores. O terceiro grupo de casta recebe o nome de Gamas. Aos indivíduos dessa classe são atribuídas as funções mais rotineiras, sem muito prestígio. Delta é a quarta casta, cujas funções são menos prestigiosas do que a dos Gamas. E a última é a dos Ípsilons. Esse grupo é caracterizado por indivíduos que sofreram alguma seqüela durante o processo de fecundação e, por esse motivo, são designados a essa classe por servirem apenas para atividades que exploram o esforço físico.

Não apenas as funções sociais são diferenciadas entre castas, mas os direitos e benefícios também. Os benefícios caracterizam-se por atividades de lazer que os indivíduos podem praticar. Essas atividades são determinadas de acordo com a casta. Cada casta possui determinadas atividades que outras não podem fazer. As castas superiores possuem mais direitos a lazer do que as inferiores. É evidenciado que essas atividades são condicionadas aos indivíduos e que há uma manipulação em relação ao que eles devem ou não fazer:

– Nós condicionamos as massas a detestarem o campo – disse o Diretor, em conclusão –, mas simultaneamente, as condicionamos a adorarem todos os esportes ao ar livre. Ao mesmo tempo, providenciamos para que todos os esportes ao ar livre exijam o emprego de aparelhos complicados (HUXLEY, 2009, p. 56).

Quanto mais elevada hierarquicamente estiver, mais atividades a casta *poderá fazer*. Da mesma forma, quanto menos elevada hierarquicamente, menos atividade ela poderá fazer. Nesse contexto, constata-se mais uma relação com as sociedades totalitárias. Assim como nos Estados totalitários, a sociedade central de *Admirável Mundo Novo* influencia a vida dos indivíduos, influência que ocorre de tal forma que até os gostos dos indivíduos são manipulados. Um mecanismo utilizado pelo Estado Mundial para manipular o que os cidadãos devem gostar é a hipnodemia. Trata-se de um processo que imprime na casta o gosto pelas coisas. Esse processo ocorre durante a infância e configura-se pela repetição de determinadas frases durante o sono:

Os livros e o barulho intenso, as flores e os choques elétricos – na mente infantil essas parelhas já estavam ligadas de forma comprometedora; e, ao cabo de duzentas repetições da mesma lição, ou outra parecida, estariam casadas indissolivelmente. O que o homem uniu, a natureza é incapaz de separar. Elas crescerão com o que os psicólogos chamavam de um ódio ‘instintivo’ aos livros e às flores. Reflexos inalteravelmente condicionados. Ficarão protegidas contra os livros e a botânica por toda a vida. – O Diretor voltou-se para as enfermeiras (HUXLEY, 2009, p. 54-55).

Essas frases são figurativas. Ao livro, por exemplo, é atribuído um valor disfórico. Dessa forma, a hipnodemia caracteriza o livro com um caráter negativo para, assim, em seu consciente, o indivíduo ter essa visão disfórica sobre esse objeto.

Há submissão de uma classe para com a outra. As castas inferiores devem seguir as ordens dadas por um membro de uma superior, ou seja, cada casta é modalizada por um dever fazer. Isso demonstra a existência de uma pirâmide social na sociedade de *Admirável Mundo Novo*, pois se evidencia a relação de poder entre os indivíduos. A existência dessa relação de poder é salientada por as funções das castas inferiores serem para servir às castas superiores. Essa serventia pode ser verificada por meio de pistas deixadas no enunciado. Um momento que se observa

esse fato é quando a narrativa explicita que há um mordomo da casta Gama servindo uma pessoa da casta Alfa. O indivíduo Gama utiliza pronomes de tratamento ao referir-se ao seu chefe. Isso sugere que o Gama se posiciona como um vassalo diante ao Alfa:

A sala em que os três foram introduzidos era o gabinete do Administrador. – Sua Fordeza descerá dentro de um minuto. O mordomo Gama deixou-os sós. Helmholtz riu alto. – Isto parece mais uma reunião de amigos. (HUXLEY, 2009, p. 333)

As características físicas do indivíduo são determinantes para que ocorra essa submissão. Por meio delas identifica-se a qual casta pertencem. Observa-se, nesse contexto, a existência da figurativização das características físicas de cada indivíduo. Em cada casta há um padrão que o indivíduo deve ter. Esse padrão é definido pelo Centro de Incubação e Condicionamento, que manipula o processo de nascimento para cada um coincidir com o padrão de cada casta:

Um dos principais instrumentos da estabilidade social. Homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes. Todo pessoal de uma pequena usina constituído pelos produtos de um único bokanovskizado. – Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas! (HUXLEY, 2009, p. 33).

Os Gamas, os Deltas e os Ípsilons passam por um processo denominado Bokanovsky. Esse processo insere determinadas alterações no padrão dessas castas, o que os faz ter deficiências que Alfas e Betas não possuem:

– Ao processo Bokanovsky – repetiu o Diretor, e os estudantes sublinharam essas palavras nos seus cadernos. Um ovo, um embrião, um adulto – é o normal. Mas um ovo bokanovskizado tem a propriedades de germinar, ploliferar, dividir-se: de oito a noventa e seis germes, e cada um destes se tornará um embrião perfeitamente formado, e cada embrião, um adulto completo. Assim se consegue fazer crescer noventa e seis seres humanos em lugar de um só, como no passado. Progresso; – A bokanovskização – disse o D.I.C., para concluir – consiste essencialmente numa série de interrupções do desenvolvimento. Nós detemos o crescimento normal e, paradoxalmente, o ovo reage germinando em múltiplos brotos. (HUXLEY, 2009, p. 31).

A casta dos Ípsilon, por possuir mais deficiências, é a mais desfavorecida socialmente e, por isso, é submissa às demais. Suas deficiências são de caráter tanto físico como psicológico, o que os faz servirem apenas para trabalhos físicos:

– Mas por que precisamos manter o embrião abaixo do normal? – perguntou um estudante ingênuo. – Que asno! Disse o Diretor, rompendo um longo silêncio. – Não lhe ocorreu que, para um embrião de Ípsolon, é preciso um meio de Ípsolin, tanto quanto uma hereditariedade de Ípsolon? Evidentemente, não lhe havia ocorrido essa ideia. Ficou encabulado. – Quanto mais baixa é a casta – disse o Sr. Foster –, menos oxigênio se dá. O primeiro órgão afetado é o cérebro. Em seguida, o esqueleto. Com setenta por cento do oxigênio normal, obtinham-se anões. Com menos de setenta por cento, monstro sem olhos. – Os quais não são de nenhuma utilidade – conclui o Sr. Foster (HUXLEY, 2009, p. 42).

Levando em consideração que o interesse da sociedade pelos indivíduos só ocorre se este tem utilidade social, os Ípsilons são essenciais para manter o equilíbrio social, pois essa sociedade necessita de uma classe dedicada a trabalhos mais braçais. As deficiências dos Ípsilons, principalmente as psicológicas, são também essenciais para os manterem voltados apenas ao trabalho, impedir que se rebellem e torná-los mais submissos. Com isso, a casta dos Ípsilons pode ser igualada à classe de escravos, visto que todo o seu tempo é dedicado ao trabalho. Sua função social é de servidão a outras classes e não possuem nenhum direito social.

Nessa perspectiva, observa-se que essa sociedade diferencia as castas para separar os indivíduos. Essa separação, além de diferenças de castas, ocorre também em dois grupos: o grupo mais privilegiado socialmente, composto por Alfas e Betas, e outro contendo as demais castas, as quais passam pelo processo de Bokanovsky:

Abaixo deles jaziam construções do Clube de Golfe – os enormes quartéis das castas inferiores e, do outro lado de um muro divisório, as casas menores reservadas aos sócios Alfas e Betas. As vias de acesso à estação do mon trilho estavam negras com o fervilhar das castas inferiores, que se moviam como formiga (HUXLEY, 2009, p. 124).

O relacionamento interpessoal ocorre quando o indivíduo se relaciona com alguém do seu grupo. A relação de um indivíduo com o outro de um mesmo grupo é estreitada, e há um desprezo pelas pessoas de outro grupo. Os indivíduos utilizam termos depreciativos ao se referirem a alguém de uma casta inferior. A intenção é sentir-se superior. Entretanto, por mais que se sinta superior, os indivíduos não deixam de levar em consideração a importância das outras castas para a manutenção da sociedade:

– É muito bom – concordou. – Mas é estranho que os Alfas e Betas não façam crescer mais plantas do que aquelas horríveis Gamas, Deltas e Ípsilons ali. – Todos os homens são físico-quimicamente iguais – disse Henry em tom sentencioso – Além disso, até mesmo os Ípsilons prestam serviços indispensáveis (HUXLEY, 2009, p. 62).

A pessoa que não possui as características determinadas por sua casta sofre preconceito. O preconceito é caracterizado pela disseminação de informações a respeito das características incomuns dessa pessoa pelos próprios sujeitos de seu grupo. Devido a essas particularidades, os demais de sua casta não o aceitam como parte do grupo e, assim, são vistos com estranheza:

– Ele é tão feio! – objetou Fanny. – Mas eu até gosto da aparência dele. – E, além disso, tão pequeno. – Fanny fez uma careta; a baixa estatura era uma coisa tão horrível e típica das castas inferiores. – [...] – Dizem que alguém se enganou quando ele ainda estava no bocal. Pensaram que fosse um Gama e puseram álcool no seu *pseudossangue*. É por isso que é tão franzino (HUXLEY, 2009, p. 88).

O indivíduo que sofre preconceito *crê não ser* parte da sociedade. Ele se torna, assim, um sujeito sem um lugar no mundo. Ele não sabe o porquê de ele não ser igual aos outros. Ele pode passar a *querer ser* igual aos demais. O fato de *não poder ser* cria nesse indivíduo um estado disfórico. Para sair desse estado, ele precisa ser aceito pelos demais. Como suas características lhe impossibilitam isso, o sujeito permanece a sua vida toda modalizado pelo *querer ser e não poder ser* e, assim, surgem as paixões disfóricas, como a decepção.

Os indivíduos estão em constante vigilância. Uma preocupação dos cidadãos é vigiar se o outro está fazendo as atividades que lhe são impostas. Isso faz com

que se fortaleça a modalização pelo *dever fazer*, visto que o sujeito sente-se cada vez mais na obrigação de seguir o que lhe é ordenado. Ao verificar que um indivíduo não respeita a regra de fazer o que lhe é designado, ou seja, opta pelo não querer fazer, os outros indivíduos o difamam socialmente. O indivíduo, assim, é alvo de preconceito e tem seus vínculos sociais desfeitos, já que o contato com os demais é visto de forma negativa:

– Você conhece Bernard Marx? – perguntou com um tom de excessiva indiferença que era evidentemente forçado. Fanny pareceu sobressaltada. – Você não quer dizer que...? – Por quê não? Bernard é um Alfa-Mais. Além disso, convidou-me para ir a uma Reserva de Selvagens com ele. [...] – Mas e a reputação dele? – Que me importa a reputação dele? – Dizem que não gosta do Golfe-Obstáculo [...] além disso, ele passa a maior parte do tempo sozinho... sozinho! – Havia horror na voz de Fanny (HUXLEY, 2009, p. 86).

Assim, os indivíduos são modalizados pelo *dever fazer* e pelo *não poder não fazer*. Dessa forma, a repreensão nessa sociedade faz com que o direito de escolha seja inexistente. Essa repressão inicia-se desde a infância do cidadão:

– É simplesmente este menino que parece pouco disposto a tomar parte nos jogos eróticos de costume. Eu já o tinha observado antes, uma ou duas vezes. E hoje recomeçou. Agora mesmo se pôs a berrar. [...] – Vou levá-lo ao Superintendente Adjunto de Psicologia. Só para ver se ele não tem nada de anormal (HUXLEY, 2009, p. 69).

Para não sofrer represálias, os indivíduos são praticamente forçados a realizar as atividades que lhes são determinadas. Com isso, os indivíduos procuram se contentar com essa obrigação. Nesse contexto, conclui-se que não existe o direito à escolha. Os próprios cidadãos sabem de sua condição. Eles têm consciência de que são sujeitos modalizados pelo *dever ser* e *não poder não ser*. Como isso lhes é imposto desde a nascença, creem que essa condição seja inalterável e, por esse motivo, consideram estar felizes por isso:

É o segredo da felicidade e da virtude: amamos o que somos obrigados a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar (HUXLEY, 2009, p. 44).

Por mais que o indivíduo seja da casta mais favorecida socialmente, ele não está imune às represálias se não tiver os mesmos hábitos que os seus. Caso um cidadão insista em praticar atividades que não estão de acordo com as socialmente determinadas, ele é considerado um criminoso, pois transgride a ordem social. Por esse motivo, é comum que esse cidadão seja apontado como um traidor:

Este homem – e apontou para Bernard seu dedo acusador –, este homem que aqui está diante de todos, este Alfa-Mais a quem tantas coisas foram dadas, e de quem, portanto, muito se deveria esperar, este colega dos senhores – ou devo antecipar e dizer ex-colega? – traiu grosseiramente a confiança de que era depositário. Por suas ideias heréticas sobre o esporte e o soma, pela escandalosa irregularidade de sua vida sexual, pela sua recusa em obedecer aos ensinamentos de Nosso Ford e em comportar-se fora das horas de trabalho ‘como um bebê no bocal’ [...] Ele se revelou um inimigo da Sociedade, um subversor, minhas senhoras e meus senhores, de toda Ordem, de toda Estabilidade, um conspirador contra a própria Civilização (HUXLEY, 2009, p. 234-235).

Os locais que os indivíduos frequentam também são diferenciados. Há locais destinados para cada grupo. O indivíduo só pode frequentar locais destinados à sua casta. Em cada um desses locais são realizadas atividades e são vinculadas informações destinadas especificamente à casta a que o local se destina. Dessa forma, é recorrente que membros de uma mesma casta fiquem juntos:

O elevador estava cheio de homens que vinham dos Vestiários dos Alfas, e a entrada de Lenina foi acolhida com diversos acenos e sorrisos amistosos. A jovem era muito popular e, numa ou noutra ocasião, havia passado a noite com quase todos eles (HUXLEY, 2009, p. 103).

O intento de especificar os locais que cada casta frequenta é, principalmente, para criar uma privação de informações. Essas informações são disseminadas pelo rádio. Os indivíduos têm o simulacro de que todas as informações expostas pelo rádio são verdadeiras. Nesse sentido, o rádio é um mecanismo de controle social utilizado para manipular os indivíduos a estarem de acordo com as regras sociais e manterem suas crenças. A função de controle social do rádio ocorre principalmente a respeito de como os cidadãos devem se portar socialmente e aceitar sua função social.

Pode-se colocar o racismo como uma forma de preconceito. Diante disso, há novamente uma relação com o contexto histórico, já que o racismo foi outro mecanismo utilizado para controle de massa. Arendt (2013, p. 223) explica que o racismo foi utilizado como instrumento de domínio em sociedades de brancos e de negros “antes que o imperialismo o explorasse como ideia política” (ARENDR, 2013, p. 280). Na Alemanha nazista, Hitler propagava o racismo expondo a ideia de que o estado é “apenas um ‘meio’ para a preservação da raça” (ARENDR, 2013, p. 433).

As ideologias racistas foram difundidas por meio da propaganda, principalmente na década de 30, pelos alemães nazistas. O motivo pelo qual esse fato “exerceu tão forte atração internacional e intereuropeia durante os anos 30, é porque o racismo, embora promovida a doutrina só na Alemanha, refletia a opinião pública de todos os países” (ARENDR, 2013, p. 233). O racismo nazista tinha como base principal a ideologia de que a raça ariana era superior as demais. Com o uso de propaganda, os nazistas vangloriavam as características arianas e desprezavam a quem não possuía a essa etnia. Um dos principais objetivos nazistas era supremacia ariana e a extinção das outras etnias. Dessa forma, os nazistas agiam agiam de forma hostil com quem não era ariano.

No Estado Mundial, em *Admirável Mundo Novo*, há a supremacia de um determinado grupo de indivíduos. Esse grupo tem o sentimento de superioridade sobre os demais indivíduos devido a suas características físicas. Por esse motivo, eles se vangloriam por ter uma determinada características e desprezam os que não tem esse mesmo perfil. A própria piramide social no Estado Mundial os ponhem em um lugar de mais privilégios dos demais grupos. Isso faz com que eles estejam numa condição de domínio.

2.4 PROPAGANDA

Há um departamento responsável pela propaganda em *Admirável Mundo Novo*. Esse departamento é o que tem o controle dos jornais. Devido ao fato de as informações serem diferenciadas por castas, cada uma delas possui um jornal diferente. Isso faz com que cada casta seja modalizada pelo *dever saber* só informações referentes à sua casta e a *não poder saber* sobre outras castas:

Os diversos Escritórios de Propaganda e o Colégio de Engenharia Emocional estavam instalados em um mesmo edifício de sessenta andares em *Fleet Street*. No subsolo e nos primeiros andares achavam-se as oficinas e os escritórios dos três grandes jornais de Londres – O Rádio Horário, jornal para as castas superiores, A Gazeta dos Gamas, verde-pálido, e, em papel cáqui e exclusivamente em palavras monossilábicas, O Espelho dos Deltas (HUXLEY, 2009, p. 114, grifos do original).

O jornal serve como forma de corroborar as atividades que devem executar, a forma como devem se portar socialmente, a quem devem obedecer. Esse instrumento também é utilizado como disseminador de aspectos positivos sobre a sociedade, o que o torna outro instrumento de controle de massa. O rádio também se insere nesse contexto. Assim como nesse período sócio-histórico da obra, o rádio auxiliava “a estruturar a vida de acordo com um horário rigoroso, que daí em diante governou não apenas a esfera do trabalho, mas a do lazer” (HOBBSAWN, 1996, p. 195). Em *Admirável Mundo Novo*, o rádio determina as funções e a rotina de trabalho que os cidadãos devem ter e quais atividades devem realizar. Além disso, o rádio é utilizado como um forte instrumento de propaganda sobre a sociedade. A propaganda ocorre de forma tão efetiva que se acredita em tudo que ela expõe. Com isso, o rádio é utilizado como forma de reforçar a existência de uma ideologia utópica nessa sociedade em que todos estão contentes com suas vidas.

Essa forma de propaganda é semelhante à do Estado Russo bolchevista. A propaganda foi tão forte que fez a Grã-Bretanha criar o imaginário de que a Rússia “se trata de uma Utopia dos trabalhadores” (TOLSTOY, 1981, p. 278). Sobre esse aspecto, o autor relata:

A aparência de instituições liberais na URSS impressionou pessoas de todos os níveis de inteligência no estrangeiro. Era sem dúvida seu principal objetivo. Mas, no que dizia respeito às condições materiais, a imensa maioria da população da Rússia vivia em condições de tal pobreza que, em comparação, a vida sob o regime czarista, difícil como tinha sido para os pobres, parecia tolerável (TOLSTOY, 1981, p. 23).

Por meio da propaganda, “Stálin fazia questão de apresentar ao mundo a imagem de um líder diligente, que se contentava com um mínimo de bens materiais” (TOLSTOY, 1981, p. 49). A respeito do terror e da propaganda, Arendt (2013, p. 474) chama a atenção para não se considerar a propaganda e o terror como dois elementos da mesma face, pois isso é

[...] verdadeiro só em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência mais para assustar o povo – o que é só feito nos estágios iniciais, quando ainda existe oposição política –, mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e suas maneiras utilitárias.

Com isso, a propaganda foi outra forma de controle de massa. Arendt (2013, p. 159) expõe que a propaganda tinha uma forma de persuasão forte e atraente, que os líderes utilizam para dominar as massas. A dominação ocorria, principalmente, na casta menos favorecida. Ainda sobre esse assunto, Arendt (2013, p. 484) complementa:

[...] a propaganda totalitária aperfeiçoa as técnicas da propaganda de massa, mas não lhe inventa os temas. Estes foram preparados pelos cinquenta anos de imperialismo e desintegração do Estado nacional, quando a ralé adentrou o cenário da política europeia.

A dominação das massas, por meio das propagandas, ocorria por haver uma dissimulação dos fatos, o que criava um teor ficcional sobre o que vinha sucedendo tanto internamente como externamente e auxiliava na propagação do terror:

A força da propaganda totalitária – antes que os movimentos façam cair cortinas de ferro para evitar que alguém perturbe, com a mais leve realidade a horripilante quietude de um mundo completamente imaginário – reside na sua capacidade de isolar as massas do mundo real. [...] É desses pontos fracos que as mentiras da

propaganda totalitária extraem o elemento de veracidade e experiência real de que necessitam para transpor o abismo entre a realidade e a ficção. Só o terror poderia confiar na mera ficção, mas mesmo as ficções sustentadas pelo terror dos regimes totalitários ainda não se tornaram completamente arbitrárias (ARENDR, 2013, p. 488).

Demonstra-se, com esse fato, que a crença na utopia bolchevista ocorria pela eficácia da propaganda. Dessa forma, a propaganda fazia com que, externamente, se confiasse que, nesse Estado totalitário, havia igualdade. Em *Admirável Mundo Novo*, a crença de que a utopia existe é devido aos valores postulados na sociedade. Isso faz com que os indivíduos insiram, em seus imaginários, o simulacro de que essa sociedade é perfeita. A propaganda, em *Admirável Mundo Novo*, é a principal fonte pela qual o Estado Mundial promulga seus valores. Entretanto, ao observar aspectos sociais como a diferença de castas, a desvalorização, a privatização da vida do indivíduo, constata que a perfeição é inexistente. Nesse sentido, assim como foi com a Rússia bolchevista, há a decepção com a sociedade de *Admirável Mundo Novo* por não conseguir tornar-se a sociedade ideal. A sociedade de Estado Mundial não conseguiu atingir o ideal de fazer com que ela se tornasse uma sociedade igualitária, cujos cidadãos fossem felizes. Para tentar manter, na aparência, que o objetivo de uma sociedade igualitária foi atingido, essa sociedade mascara a desigualdade por meio da propaganda e do controle de massa, o que faz a igualdade ser apenas ilusória. A decepção ocorre por já não ser possível construir uma sociedade igualitária.

Por meio do controle de massa, é possível fazer com que os indivíduos estejam contentes com a forma pelo qual eles vivem, fazendo, assim, com que essa sociedade não tenha conflitos. Com esse propósito, diversos mecanismos são utilizados para alienar os indivíduos. O Centro de Incubação e Condicionamento é um dos principais responsáveis pelo controle dos indivíduos na sociedade de *Admirável Mundo Novo*. Uma das funções desse Centro é disseminar, por meio da utilização do rádio, as ideologias que devem ser empregadas na sociedade.

2.5 SOMA

De acordo com Benjamin (2000, p. 185), na Rússia bolchevista, o principal foco do governo era proporcionar ao povo comida e diversão. Em *Admirável Mundo Novo*, outro mecanismo utilizado para controlar os sujeitos é a propagação do uso de uma substância química denominada soma. Essa substância é distribuída livremente a todos na sociedade. Os sujeitos são modalizados a *dever fazer* uso dela. A finalidade do soma é auxiliar a reiterar a satisfação, que é responsável por criar a ilusão de felicidade:

Atualmente, tal é o progresso, os velhos trabalham, os velhos copulam, os velhos não têm um instante, um momento de ócio para furtar ao prazer, nem um minuto para se sentarem a pensar; ou se, alguma vez, por um acaso infeliz, um abismo de tempo se abrir na substância sólida de suas distrações, sempre haverá o soma, o deliciosa soma, meio grama para um descanso de meio-dia, um grama para um fim de semana, dois gramas para uma excursão ao esplêndido Oriente, três para uma sombria eternidade na Lua; de onde, ao retornarem, se encontrarão na outra margem do abismo, em segurança na terra firme das distrações e do trabalho cotidiano (HUXLEY, 2009, p. 100).

Essa droga cria a sensação de conforto em quem a utiliza. Ao ser ingerido em grandes doses, o soma faz o usuário ter alucinações:

Lenina, depois desse dia cheio de coisas estranhas e de horrores, sentia-se com direito a um descanso completo e absoluto. Mal chegaram à hospedaria, tomou seis comprimidos do meio grama de soma, deitou-se na cama e ao cabo de dez minutos vagava numa eternidade lunar. Passar-se-iam pelo menos dezoito horas antes que voltasse ao mundo real (HUXLEY, 2009, p. 221).

Essa substância torna seus usuários dependentes. Quando o sujeito não pode ingeri-la, ele entra em crise. Isso demonstra que o sujeito, devido à sua dependência, fica modalizado a não poder não fazer uso do soma:

– Mas é terrível – murmurou Lenina – É espantoso. Não devíamos ter vindo aqui. Tateou no bolso à procura do soma – e só então descobriu que, por um descuido sem precedentes, deixara o vidro na hospedaria. Os bolsos de Bernard também estavam vazios. Não restava a Lenina senão afrontar, sem socorro exterior, os horrores de Malpaís. Estes se abateram sobre ela, abundantes e rápidos (HUXLEY, 2009, p. 178).

O soma, além de criar a satisfação, faz com que as pessoas de *Admirável Mundo Novo*, ao se depararem com qualquer conflito ou se sentirem em um estado espiritual de depressão, o utilizem como escapismo de seus problemas. Diante disso, o controle de massa criado pelo soma concretiza-se por ele impedir a sociedade de ter conflitos sociais. Além disso, pelo fato de o uso dessa substância fazer com que as pessoas fiquem contentes e tenham a sensação de satisfação, o soma faz com que os indivíduos aceitem as suas funções sociais.

Ela, assim, corrobora a ilusão de que as funções sociais dos indivíduos são de seu agrado. A alienação está presente nesse sentido por essa substância também fazer com que os cidadãos fiquem impedidos de refletir sobre sua condição social, o que a torna um mecanismo fundamental para manter o controle social. A dependência criada faz com que os indivíduos fiquem reféns, a ponto de fazer com que a felicidade dependa totalmente de seu uso. A partir disso, o Estado torna-se mais eficiente para impor suas regras, principalmente por essas regras serem aceitas de forma passiva e sem questionamentos.

A existência dessa substância química mostra que a aceitação das regras sociais não ocorre de forma voluntária. Para as regras sociais serem seguidas, faz-se necessária a existência de um mecanismo que crie uma felicidade superficial para, assim, haver a satisfação dos indivíduos. Esse fato demonstra que a própria estrutura social não é capaz de criar por si mesma a satisfação no indivíduo. A imposição do uso de uma substância que cria dependência é justamente devido à necessidade de fazer com que a estrutura social seja mantida, pois, a partir do momento em que os indivíduos parem de utilizá-la, corre-se o risco de as pessoas começarem a refletir sobre sua condição social e procurarem alterar a estrutura social existente.

Calder (1976, p. 11) discorre a respeito da influência das drogas na felicidade do indivíduo em *Admirável Mundo Novo*. Para ele, há, na obra de Huxley, uma

lavagem cerebral nos indivíduos que permite que eles sejam condicionados a se sentirem felizes. A droga é um dos elementos que culmina nessa lavagem cerebral, mas não somente ela. O fato de as dificuldades serem eliminadas também auxilia para ocorrer essa felicidade:

Em *Admirável Mundo Novo* a maioria dos personagens são felizes. Eles têm sofrido uma lavagem cerebral para alcançar a felicidade, e, se a lavagem cerebral não ocorrer completamente, medicamentos ajudam. As dificuldades que enfrentam os personagens de romances contemporâneos de Huxley foram eliminados. (Calder, 1976, p. 11 – tradução nossa).

In *Brave New World* most of his characters are happy. They have been brainwashed into happiness, and whenever brainwashing cannot wholly work drugs can assist. The difficulties that face the characters in Huxley's contemporary novels have been eliminated (CALDER, 1976, p. 11).

Para Rebecca Johnson (2011), *Admirável Mundo Novo* trata-se de uma sátira. Por esse motivo, a autora debate que a intenção de Huxley em romancear uma sociedade que só procura a felicidade por meio de drogas é a de satirizar o que estava acontecendo durante o século XX. Nas palavras de Johnson (2011, p. 5):

In *Brave New World*, Huxley shows how appalling it would be to remain ignorant in happiness, and lack the potential to develop as a frail, error-prone being. The greatest satirical aspect of this book is that the human race, while trying to better itself and gain knowledge, ends up becoming its own adversary and enemy. Deliciously sardonic, Huxley portrays the efforts of man as not only futile, but detrimental. Because of this successfully ironic portrayal of human nature, Huxley remains one of the most successful 20th century satirist.

Na Rússia bolchevista, o uso de drogas era uma forma de aliviar a solidão e a tensão existentes nesse período. Os narcóticos eram utilizados principalmente pelos funcionários do Governo que, devido ao excesso de trabalho, não tinham outra forma de alívio a não ser pelo uso dessas substâncias:

Grande número desses funcionários, expostos à tremenda tensão, procurava alívio nas drogas e no álcool, e na Criméia existia um sanatório especial da polícia 'para tratamento dos viciados em drogas e impotentes' (TOLSTOY, 1981, p. 76).

Entretanto, ao abordar o uso das drogas, Huxley não apenas relaciona com a Rússia bolchevista. Buck-Morss (1996, p. 26) explica que “o vício em drogas é característico da modernidade”. De acordo com a autora, a “principal’ de todas as drogas é o ópio” (BUCK-MORSS, 1996, p. 23). *Admirável Mundo Novo*, assim, retrata toda a conjuntura histórico-social existente no período em que a obra foi escrita.

2.6 SEXO

A sexualidade é utilizada como mecanismo de controle de massa. O processo de condicionamento impõe aos indivíduos o pensamento de que eles não devem se limitar a ter relações sexuais com apenas uma pessoa:

– Mas falando sério, eu acho mesmo que você devia se cuidar. É tão terrível continuar tanto tempo assim com um único homem. Aos quarenta anos, ou aos trinta e cinco, vá lá. Mas na sua idade, Lenina! Não, francamente, isso não se faz (HUXLEY, 2009, p. 80).

Com isso, os sujeitos procuram ter relações sexuais com o maior número de pessoas do sexo oposto e desejam satisfazer o prazer o mais rápido possível. Quando o indivíduo não se satisfaz, ele sofre: “Uma vez tive de esperar quase quatro semanas até que uma moça me deixasse possuí-la. – E o senhor sofreu, em consequência, uma forte emoção? – Foi horrível.” (HUXLEY, 2009, p. 87). Insere-se nisso a concepção de que todos são de todos e que ninguém é exclusivo de ninguém. Dessa forma, um indivíduo não pode negar o desejo do outro de o possuir sexualmente. Os indivíduos, assim, são modalizados pelo *dever ser*.

Os pensamentos a respeito da sexualidade são enfatizados durante a infância dos cidadãos. Nos estabelecimentos de ensino, são realizadas atividades que

procuram explorar a sexualidade. Dentre elas, o uso de brinquedos com caráter erótico, que estimula a sexualidade das crianças:

Revelou a espantosa verdade. Durante um período muito longo antes de Nosso Ford, e até no decurso de algumas gerações ulteriores, os brinquedos eróticos entre as crianças eram considerados anormais – houve uma gargalhada –; e não apenas anormais, mas realmente imorais – não! ; – e eram, portanto, rigorosamente reprimidos. A fisionomia de seus ouvintes tomou uma expressão de incredulidade espantada. O quê? As pobres crianças não tinham o direito de se divertir? (HUXLEY, p. 70).

Os cidadãos, dessa forma, inserem em si o simulacro de que devem priorizar os atos sexuais. O sexo torna-se um objeto de valor para eles, cujo aspecto é positivo. Não há nenhum vínculo afetivo entre os parceiros e nenhuma intenção de procriação. O interesse por essa relação é simplesmente a busca do prazer. Devido a esse propósito, os indivíduos procuram provar socialmente que não há vínculo afetivo com seus parceiros:

– Não pense que eu mantinha relações indecorosas com aquela moça. Nada de emocional, nada que se prolongasse indefinidamente. Tudo era perfeitamente sadio e normal. Entregou a autorização a Bernard (HUXLEY, 2010, p. 158).

A procura por relações sexuais pode ser considerada uma forma de escapismo. As pessoas praticam o sexo para minimizar as dificuldades de uma vida rotineira, que estão guiadas a ter. A sexualidade torna-se, assim, um elemento essencial para o mantimento da ordem pública, para o convívio entre os sujeitos e para o contentamento individual. Alcançar uma quantidade grande de parceiros sexuais, nessa sociedade, transfigura-se em um aspecto gratificante ao indivíduo. Quanto maior seu reconhecimento social, mais parceiros sexuais ele consegue atrair:

Os dias passaram. O êxito subiu à cabeça de Bernard como um vinho capitoso e reconciliou-se completamente – como deve fazê-lo um bom produto inebriante – com um mundo [...] Porque o fato de criticar exaltava nele o sentimento de sua importância, dava-lhe a impressão de ser maior – Ao mesmo tempo, agradava-lhe genuinamente ter sucesso e possuir todas as mulheres que quisesse (HUXLEY, 2009, p. 246).

Diante disso, a pessoa que consegue vários parceiros sexuais tem maior prestígio social. Os que se privam de ter relação com mais de um parceiro e optam pela monogamia ou por abster-se de relações sexuais são desmoralizados socialmente e são repudiados pelos demais:

Você vai sair? Lenina fez que sim. – Com quem? – Com Henry Foster. – Outra vez? – O rosto de Fanny, bondoso e um tanto arredondado, tomou uma expressão incongruente, de espanto magoado e desaprovador. – Você quer dizer com isso que ainda está saindo com Henry Foster? [...] – Mas, afinal de contas – protestou Lenina –, faz apenas uns quatro meses que ando com Henry. – Apenas quatro meses! Essa é boa! (HUXLEY, 2009, p. 79-80).

Constata-se, com isso, mais uma forma de controle social. Observa-se que esses mecanismos de controle de massa têm, por fundamento, proporcionar o prazer imediato. A inserção do soma e a exploração da sexualidade oportunizam a sensação de contentamento instantâneo. As atividades que procuram conceder entretenimento podem ser conceituadas como controle de massa. Elas fazem com que os indivíduos estejam satisfeitos com suas vidas e, assim, não questionem a ordem social. Da mesma forma que o principal foco do Governo bolchevista era proporcionar ao povo comida e diversão (BENJAMIN, 2000, p. 185), o de *Admirável Mundo Novo* procura oferecer atividades que proporcionam diversão aos seus cidadãos.

2.7 LIVROS

No Estado Mundial em *Admirável Mundo Novo*, há um controle sobre os livros. Um departamento nessa sociedade é responsável pela produção e divulgação dos livros. Ele também determina os conteúdos, que, em geral, são de caráter educativo ou pornográfico. A intenção do Estado Mundial é permitir com que os livros criem prazer em quem os lêem, sem inserir nenhum aspecto crítico. Dessa forma, o departamento só permite que se propaguem os livros que eles produzem.

Os livros produzidos fora desse departamento são proibidos. Para essa sociedade, os conteúdos dos livros proibidos são considerados sem utilidade social e o contato com eles só ocorre em locais afastados da civilização:

Apanhou-o e olhou a primeira página; o livro intitulava-se *Obras completas, de Willian Shakespeare*. Linda estava deitada na cama, bebericando uma xícara daquele horrível e malcheiroso mescal. – Foi Pope quem o trouxe – disse ela com uma voz espessa e rouca, como se fosse a de outra pessoa. – Estava numa das arcas da Kiva do Antílope. Dizem que estava lá há centenas de anos. Deve ser verdade, porque passei os olhos por ele e me pareceu cheio de bobagens (HUXLEY, 2009, p. 205).

Devido à censura, os livros proibidos são mantidos resguardados, para que nenhuma pessoa tenha contato com eles. Por esse motivo, não é possível encontrá-los na sociedade civilizada. Apenas os líderes dessa sociedade têm contato com esses livros. São eles mesmos os que privam os demais da leitura desses livros:

A sala em que os três foram introduzidos era o gabinete do Administrador. – Sua Fordeza descerá dentro de um minuto [...] Enquanto isso, o Selvagem caminha irrequieto pela sala, lançando olhares de vaga e superficial curiosidade sobre os livros das estantes [...] – O senhor também o leu? – perguntou – Julguei que ninguém tivesse ouvido falar nesse livro aqui na Inglaterra. – Quase ninguém. Sou das raríssimas. O senhor compreende, ele está proibido. Mas, como sou eu que faço as leis aqui, posso também transgredi-las. Impunemente, Sr. Marx – acrescentou, dirigindo-se a Bernard. – O que, lamento dizê-lo, o senhor não pode fazer (HUXLEY, 2009, p. 333-335).

Pelo exposto, evidencia-se que as regras sociais são determinadas, na verdade, pelos líderes dessa sociedade e não pela figura de Ford, como propaga o pensamento social. O departamento que tem o controle dos livros é outro órgão de controle de massa na sociedade, visto que é ele um dos responsáveis por determinar as crenças nessa sociedade. Diante desses fatos, fica permitido refletir que a obra “Minha vida e minha obra”, considerada sagrada por conter todas as regras sociais, foi produzida, na verdade, por esse departamento junto com os líderes dessa sociedade, e não por Ford, como os cidadãos acreditam.

O controle de massa é reiterado com o apagamento da história. A proibição de livros antigos é uma forma de conseguir efetuar esse apagamento. Ao se excluir os livros, faz-se com que os indivíduos fiquem modalizados a *não poder saber* sobre o passado e, ao não ter contato com o passado, o indivíduo não questiona o presente. Esse apagamento iniciou-se por meio de uma campanha no momento em que essa sociedade estava começando a se constituir:

– Acompanhada de uma campanha contra o Passado, do fechamento dos museus; da destruição dos monumentos históricos, que foram arrasados – felizmente, a maioria já havia sido destruída durante a Guerra dos Nove Anos – da supressão dos livros publicados antes do ano de 150 D.F. (HUXLEY, 2009, p. 94).

Os cidadãos só têm conhecimento sobre o passado por meio de determinadas informações que são promulgadas no dia a dia. As informações sobre o passado têm, no geral, um teor negativo e tem a intenção de fazer com que os cidadãos modalizem-se a *não querer saber* e a satisfazerem-se com o presente:

Mãe, monogamia, romantismo. A fonte jorra bem alto; o jato é impetuoso e branco de espuma. O impulso não tem mais que uma saída. Não é de admirar que esses pobres pré-modernos fossem loucos, perversos e desventurados. Seu mundo não lhes permitia aceitar as coisas naturalmente, não os deixava ser sãos de espírito, virtuosos e felizes (HUXLEY, 2009, p. 81).

No Estado bolchevista também existia um apagamento sobre determinados acontecimentos do passado. Falar sobre ele era considerado crime na Rússia desse período, havendo, assim, também uma destruição do passado. A esse respeito, Arendt (2013, p. 571) explica:

Nem dúvida nem supérflua é a função política da polícia secreta, o 'mais bem organizado e mais eficiente' dos departamentos do governo, no sistema de poder do regime totalitário. É ela o verdadeiro ramo executivo do governo, através do qual todas as ordens são transmitidas. Através da rede de agentes secretos, o governante totalitário cria uma correia transmissora diretamente executiva que, em contraposição com a estrutura de camadas superpostas da hierarquia ostensiva, é completamente separada e isolada de todas as outras instituições. [...] Nas condições do regime totalitário, a categoria dos suspeitos compreende toda a população; todo pensamento que se desvia da linha oficialmente prescrita e permanentemente mutável já é suspeito, não importa o campo de atividade humana em que ocorra.

Com todos esses mecanismos, há um controle total da sociedade de *Admirável Mundo Novo*. Devido aos mecanismos, os cidadãos são modalizados pelo *dever ser* e pelo *não poder ser* de outra forma, o que faz com que eles aceitem passivamente as regras impostas. A aceitação ocorre devido ao simulacro criado de que essa é a melhor forma de a sociedade ser. Esse simulacro, assimilado pelos indivíduos, faz com que as pessoas creiam que sua função social, sua jornada de trabalho e seu modo de vida são satisfatórios. Conseqüentemente, isso cria nos cidadãos a sensação de serem felizes:

– Horrível? Eles não acham. Pelo contrário até gostam. É leve, de uma simplicidade infantil. Nenhum esforço excessivo da mente nem dos músculos. Sete horas e meia de trabalho leve, de modo algum exaustivo, e depois a ração de soma, os esportes, a cópula sem restrições e o cinema sensível. Que mais poderiam pedir? É verdade – acrescentou – que poderiam pedir uma jornada de trabalho mais curta. E, por certo, nós poderíamos concedê-la. Do ponto de vista técnico, seria perfeitamente possível reduzir a três ou quatro horas a jornada de trabalho das castas inferiores. Mas isso as faria mais felizes? Não, de modo algum. A experiência foi tentada, há mais de século e meio. Toda a Irlanda foi submetida ao regime de quatro horas de trabalho diário. Qual o resultado? Perturbações e um acréscimo considerável do consumo de soma, nada mais (HUXLEY, 2009, p. 342).

2.8 VIGILÂNCIA

O Estado Mundial em *Admirável Mundo Novo* procura manter a vigilância sobre seus cidadão. Dessa forma, a vigilância torna-se uma forma de controle social. Ela ocorre na sociedade de maneira que todos os indivíduos exerçam o papel de vigiar os demais. Há uma constante preocupação, por parte das pessoas, em verificar se os outros cidadãos estão fazendo as atividades impostas socialmente. Ela ocorre devido à intenção de fazer com que os indivíduos sejam iguais. Sendo assim, a vigilância atinge a todos. O indivíduo é vigiado e forçado a realizar as atividades impostas socialmente desde a sua infância:

Num pequeno espaço gramado entre altas moitas de urzes mediterrâneas, duas crianças, um garoto de cerca de sete anos e uma menina que poderia ter um ano a mais, dedicavam-se muito seriamente, com toda a concentração de sábios absortos em algum

trabalho de descoberta, a um jogo sexual rudimentar. De uma moita próxima saiu uma babá puxando pela mão um garotinho que berrava. Uma menina seguia-os com ar inquieto. – Que há? – perguntou o Diretor. A babá deu de ombros. – Nada de mais – respondeu. – É simplesmente este menino que parece pouco disposto a tomar parte nos jogos eróticos de costume (HUXLEY, 2009. p. 68-69).

Caso um cidadão não possua os hábitos comuns dessa sociedade, ele é considerado um transgressor e, conseqüentemente, tachado de anormal e desprezado pelos demais:

No elevador que subiam para a rouparia, Henry Foster e o Diretor-Adjunto de Predestinação deram as costas um tanto ostensivamente a Bernard Marx, do Gabinete de Psicologia: desviavam-se daquela reputação desagradável [...] Com os olhos quase sempre baixos, e desviando-os imediata e furtivamente quando, por acaso, os pousava em algum de seus semelhantes, Bernard atravessou o terraço às pressas. Dava a impressão de ser um homem perseguido, mas perseguido por inimigos que não queria ver, temeroso de que lhe fizessem, em decorrência disso, experimentar uma sensação de maior culpa e de solidão ainda mais irremediável (HUXLEY, 2009, p. 71).

Por saber que os outros se importam com o que ele está fazendo, o indivíduo sente-se obrigado a exercer as atividades socialmente impostas. Essa obrigação o impede de ter liberdade. A vigilância também acontecia na Rússia bolchevista. Lá, a vigilância ocorria principalmente por meio de uma polícia secreta. Essa, pelo terror, procurava manter a integridade do Governo totalitário, evitando oposição a eles e controlando fatos ocorridos no Estado. Da mesma forma que ocorre na sociedade de *Admirável Mundo Novo*, a vigilância na Rússia bolchevista era também executada pelos indivíduos que integravam essa sociedade, em que “todo mundo, de certa forma, é o *agent provocateur* de todo mundo” (ARENDDT, 2013, p. 572, grifos do original). Cria-se, com isso, o medo nos indivíduos por qualquer um poder denunciá-lo, sem prova concreta do crime.

Mediante a análise dessa estrutura social, evidencia-se que a sociedade de *Admirável Mundo Novo* necessita de determinados mecanismos para manter nos indivíduos o simulacro de que o sistema político adotado é o ideal de sociedade. O apagamento do passado faz com que os cidadãos tenham contato apenas com esse tipo de sistema e, assim, não possuam outro referencial de sociedade. A

propaganda faz com que se creia que o acordo fiduciário está sendo mantido. O uso do soma e da exploração da sexualidade auxilia na sensação de satisfação dos indivíduos para que eles não se decepcionem com suas reais condições sociais.

CAPÍTULO 3

DECEPÇÃO NA BUSCA DE IDENTIDADE

3.1 A PROCURA DE JOHN POR SEU LUGAR NO MUNDO

A obra *Admirável Mundo Novo* narra a personagem Bernard Marx insatisfeito com o Estado Mundial, seu lugar de origem. A insatisfação de Bernard o incentiva a querer conhecer Malpaís. Ao pedir autorização para ir a reserva de selvagens, a personagem é incentivado a desistir da ideia. Nesse momento, lhe é informado que uma cidadã do Estado Mundial já foi para esse lugar e nunca mais voltou.

A cidadã é Linda. A personagem Linda acaba se perdendo e, com isso, fica impedida de voltar ao seu local de origem. Por estar sem os “exercícios malthusianos” e demais cuidados para não engravidar, Linda não pôde evitar a concepção de um filho. Isso fez com que ela precisasse se adaptar ao modo de vida dos habitantes de Malpaís e ensinar seu filho a viver naquela sociedade. Linda, em sua nova moradia, é constantemente hostilizada. Ela fica à mercê dos desejos dos demais, que a tratam com violência e a consideram um objeto:

Pope vinha com frequência. Dizia que a coisa que trazia na cabaça se chamava mescal; mas Linda dizia que deveria chamar-se soma, com a diferença que deixava a gente doente, depois. [...] Havia três mulheres vestidas com mantos escuros. Linda estava deitada. Uma das mulheres segurava-lhe os pulsos. Outra estava deitada, atravessada sobre suas pernas para que ela não pudesse dar pontapés. A terceira batia-lhe forte com um chicote. Uma, duas, três vezes, e a cada vez Linda gritava (HUXLEY, 2009, p. 198).

Esse fato cria em Linda a paixão da tristeza. Seu processo de adaptação é de grande dificuldade, principalmente por o que ocorreu a ela não ser de seu desejo. Por mais que Linda se adapte, ela não se satisfaz com seu novo estilo de vida. Linda tem a sua sociedade de origem como um objeto-valor e passa seus dias recordando seu antigo lugar:

Às vezes, durante dias, Linda nem sequer se levantava. Ficava na cama, mergulhada em tristeza. Ou então, bebia o líquido que Pope trazia, ria muito e adormecia. Algumas vezes vomitava. Com frequência esquecia-se de banhar-se, e não havia nada de comer, a não ser tortillas frias... Lembrava-se da primeira vez em que ela achara aqueles bichinhos nos seus cabelos, como ela gritara. Os momentos mais felizes eram aqueles em que ela lhe falava sobre o Outro Lado. 'E a gente pode mesmo ir voar sempre que tem vontade' (HUXLEY, 2009, p. 201).

Os cidadãos de Malpaís representam o homem em seu estado mais primitivo. O indivíduo vive à mercê da natureza, sem nenhuma influência da civilização. Por não ser filho de nativos, John, o filho de Linda, não é aceito em Malpaís. A personagem procura ser um cidadão igual aos demais e praticar os mesmos atos que os outros. Até mesmo a cultura desse lugar, assim como a crença em Deus, John assimila em sua personalidade. Ele acredita que, se praticar os mesmos atos que os demais, será aceito socialmente. Nesse instante, John construiu um simulacro de que será aceito e modaliza-se pelo *crer poder ser*. John remoe-se no desejo de envolver-se nas atividades que os outros cidadãos de Malpaís participam:

– Eu é que devia ter estado ali – prosseguiu o jovem. – Por que não me aceitaram como vítima? Eu teria dado dez voltas, quinze, vinte. Palowhtiwa não foi além de sete. De mim eles poderiam ter obtido duas vezes mais sangue. 'Tingir de sangue os mares tumultuosos...' – Abriu os braços num gesto largo; depois, com desespero, deixou-os cair – Mas não me permitiram. 'Eu lhes desagradava por causa de minha tez.' Foi sempre assim. Sempre. – Tinha os olhos rasos de lágrimas; sentiu vergonha e virou o rosto (HUXLEY, 2009, p. 185).

Porém, por mais que tente, continua a ser rejeitado. Assim, ele modaliza-se pelo *querer fazer e não poder fazer*. É quando surge a decepção e desaparece a crença de ser aceito. A partir disso, John sente que não pertence a Malpaís. Por mais que tenha sido concebido no lugar, ele é considerado um estrangeiro pelos habitantes. Isso faz com que ele entre em um estado de disforia.

A personagem não é aceita nem pela sua própria mãe. Como Linda vem de uma sociedade em que ter filho é considerado anormal, o fato de ela ter concebido John é o que a impede de voltar à sua sociedade de origem. Diante disso, John é, para ela, o antissujeito que a impede de entrar em conjunção com seu objeto-valor. Por causa de John, ela se torna um sujeito virtualizado, que está modalizado pelo

querer ser e não poder ser. Linda não o aceita como filho por considerá-lo o causador de seu infortúnio.

Observa-se que a relação entre mãe e filho é apagada. John não chama Linda de mãe, assim como Linda não o considera como filho. Por mais que não seja aceito, John tenta manter contato com Linda e ter a figura dela como a de mãe. Por ser uma pessoa importante para ele, John preocupa-se com Linda:

Onde está ela? – perguntou o Selvagem, sem prestar a menor atenção àquelas explicações corteses. A enfermeira sentiu-se ofendida. – Como o senhor está com pressa – Há alguma esperança? – perguntou ele. – Quer saber se há alguma esperança de ela não morrer? [...] Ele balançou a cabeça – É minha mãe (HUXLEY, 2009, p. 306).

O fato de Linda não aceitar o filho é uma tentativa de manter os preconceitos que lhe foram ensinados. Porém, ela cumpre o papel de mãe. Como John se sente como se fizesse parte de outro lugar, isso faz com que ele fique à procura por sua identidade e por seu lugar no mundo. Em seus atos, a personagem procura amenizar sua infelicidade. John reproduz os atos de seu ídolo Jesus Cristo como uma forma de tentar descobrir um propósito para seu sofrimento:

Um dia, fiz uma coisa que os outros nunca tinham feito: fiquei em pé contra um rochedo, ao meio-dia, no verão, com os braços abertos, como Jesus na cruz. – Ora, para quê? – Queria saber o que era ser crucificado. Suspenso ali, em pleno sol... – Mas por quê? – Por quê? Bem... – Hesitou. – Porque sentia que devia fazê-lo. Se Jesus pôde suportar... E, além disso, se se fez alguma coisa de mau... Por outro lado, eu me sentia infeliz; essa era outra razão (HUXLEY, 2009, p. 214).

Para amenizar seu estado de disforia, uma solução encontrada por John é a leitura. Entre os livros lidos por ele está a *Bíblia Sagrada* e as *Obras Completas*, de William Shakespeare. Eles aguçam a curiosidade do rapaz por serem antigos e demonstrar uma sociedade diferente da dele. Como ele está desconfortável com a vida que vive, ater-se aos livros é uma oportunidade de *poder saber* como é um lugar diferente do seu. John ganhou os livros de sua mãe quando era mais jovem e, após isso, os livros tornaram-se influentes para John por, principalmente, provocar alteração em seu estado de espírito:

Um dia – John calculou, mais tarde, que devia ter disso pouco depois do seu décimo segundo aniversário –, entrou em casa e achou no chão do quarto de dormir um livro que nunca tinha visto. Era um livro grosso, que parecia muito antigo. A encadernação tinha sido roída pelos ratos, algumas páginas estavam soltas e amarrotadas. [...] As palavras estranhas redemoinharam em seu espírito, reboando como um trovão que falasse; como os tambores das danças de verão, se pudessem expressar-se em palavras (HUXLEY, 2009, p. 205-206).

O contato com esses livros faz a personagem manifestar a fascinação e a esperança de conhecer um lugar diferente de Malpaís. A personagem confia que tudo que é escrito no livro é verdade. Por esse motivo, John está certo de que aquele mundo descrito no livro é real, o que faz os livros tornarem-se determinantes em sua personalidade. Com isso, ele quer ser como os personagens das obras que leu. Esse desejo faz aparecer, em seu linguajar, o vocabulário desses livros. A personagem ganhou essas obras quando era jovem e, assim, cresceu imaginando como deveria ser o mundo fora do lugar em que vive. Como não pode encontrar a sociedade descrita nesses livros, John volta o seu interesse a uma outra sociedade, a antiga sociedade de sua mãe, chamada, em Malpaís, de o Outro Lado. O interesse é criado nele devido aos relatos de sua mãe sobre esse lugar:

E ela lhe falava na linda música que saía de uma caixa; em todos os jogos encantadores que havia, nas coisas deliciosas para comer e beber; na luz que aparecia quando se apertava uma pequena coisa na parede; nas imagens que era possível não só ver, mas também ouvir, tocar e cheirar; em outra caixa para fazer cheiros agradáveis; nas casas róseas, verdes, azuis, prateadas, altas como montanhas; ela lhe contava como todos eram felizes, sem que jamais alguém estivesse triste ou zangado; como cada um pertencia a todos; falava-lhe de caixas em que podia ver e ouvir o que passava do outro lado do mundo; de bebês em lindos bocais limpos – tudo tão limpo, sem maus cheiros, sem sujeira; e lhe contava que ninguém se sentia só, mas todos viviam juntos, alegres e felizes, como durante as danças de verão aqui em Malpaís, mas muito mais felizes, com a felicidade permanente, cada dia, todos os dias... Ele a ouvia horas a fio (HUXLEY, 2009, p. 201).

Os relatos de Linda são, na maior parte, a respeito da estrutura social desse lugar. Ela, que é da casta dos Betas, procura emitir, em suas descrições, o mesmo caráter de perfeição que tem em mente, principalmente sobre Londres. Linda transmite a seu filho o simulacro de que todos são felizes e que não há conflito no Outro Lado. Toda visão que tem sobre esse lugar, ela procura transferir a John. Como Linda foi concebida e criada no Outro Lado, percebe-se que a visão dela, na

verdade, foi forjada. Sendo assim, ela considera sua sociedade de nascença como o lugar ideal. Os mecanismos de controle e a propaganda fizeram com que Linda acreditasse que esse lugar era um lugar perfeito. Esses dois aspectos não permitem que ela perceba a desigualdade e a infelicidade daquela sociedade. Sendo Malpaís um lugar que só lhe trouxe infortúnios e infelicidade, Linda fica mais convencida de que o Outro Lado é o seu lugar no mundo. Ela, assim, ratifica sua modalização de *crer ser* do Outro Lado e *não querer ser* de Malpaís.

Pela confiança que tem em sua mãe, John começa a acreditar que o que foi relatado por Linda é verdadeiro. Com isso, cria o simulacro de que o Outro Lado é o lugar onde não há tristeza e todos são aceitos. O Outro Lado torna-se, assim, o objeto-valor de John. A personagem modaliza-se pelo *querer ser* de lá. A manipulação pela tentação de sua mãe é que fez John se modalizar pelo *querer ser*.

Devido à necessidade de achar um lugar ideal, a própria personagem se manipula a *crer ser* do Outro Lado. John confia que lá é seu lugar no mundo. Entretanto, ele ainda é um sujeito virtualizado, ou seja, *quer ser*, mas não *pode ser*.

O desejo de John de conhecer o Outro Lado começa a existir quando ele entra em contato com Bernard Marx, um cidadão da mesma sociedade de origem de Linda, que se sente solitário. John tem a esperança de que Bernard possa levá-lo a conhecer o Outro Lado. Essa esperança é correspondida por Bernard fazer parte da casta mais favorecida em sua sociedade e poder obter a permissão de levar John à sua sociedade. Nessa perspectiva, John fica em um estado de espera de que Bernard possa fazer com que ele conheça esse lugar. John e Bernard criam afinidade um com o outro por ambos serem sós. Isso faz com que se fortaleça o laço de confiança entre os dois:

– Só, sempre só – dizia o jovem. Essas palavras despertaram um eco doloroso no espírito de Bernard. Só, só... – Eu também – respondeu, num impulso confidencial. – Terrivelmente só. – Você também? – John mostrou-se surpreso. – Pensei que no Outro Lado... É que Linda sempre dizia que lá ninguém jamais estava só. Bernard corou, contrafeito. – Você vê – disse, balbuciando e desviando os olhos –, eu acho que sou um pouco diferente da maioria das pessoas. Quando, por acaso, alguém é diferente desde a decantação... – Sim, é isso mesmo. – O jovem confirmou com um sinal de cabeça. – Se uma pessoa é diferente, é fatal que se torne solitária. A gente é tratado de um modo abominável. Acredita que eles me mantiveram afastado de tudo, absolutamente tudo? (HUXLEY, 2009, p. 213).

Esse é o primeiro momento em que o simulacro de John a respeito do Outro Lado é quebrado. John possui a crença de que, nessa outra sociedade, todos são felizes e ninguém é solitário. Entretanto, a partir do momento que entra em contato com Bernard, John observa que, no Outro Lado, há pessoas solitárias. Isso faz com que ele coloque sua crença em dúvida. Em relação a Bernard, sua solidão é causada por ele não possuir as mesmas características que os da sua casta. A personagem é alvo de preconceito pelos demais cidadãos e, devido a isso, é excluído por eles, não possuindo as regalias que uma pessoa comum em sua sociedade possui. Bernard, ao procurar saber mais informações sobre John, descobre que esse rapaz não é filho de nativos de Malpaís, mas sim de um cidadão da mesma sociedade que a sua, e que esse cidadão é o diretor com que ele possui um conflito. Esse motivo faz com que Bernard tenha interesse em levar John à sua sociedade de origem. A partir disso, Bernard propõe a John ir com ele ao Outro Lado:

Será que não lhe agradaria vir conosco para Londres? – Perguntou, dando o primeiro passo de uma campanha cujo plano estratégico ele começara a elaborar secretamente desde que, na pequena casa, compreendera quem devia ser o ‘pai’ do jovem selvagem. – Não lhe agradaria isso? – A fisionomia do rapaz iluminou-se – Você fala sério? – Certamente; isto é, se eu puder obter autorização. – E Linda também? – Bom... – Hesitou, cheio de dúvida. Aquela criatura repugnante! Não, era impossível. A menos que... A menos que... Ocorreu-lhe de súbito que o próprio fato de ser ela assim tão repugnante poderia constituir um grande trunfo. – Mas claro! (HUXLEY, 2009, p. 215).

Bernard traz John e Linda a Londres com o intuito de se sobressair em um conflito existente entre ele e Tomakin. O diretor está um grau de hierarquia acima dele. Bernard tem conhecimento de que, se socialmente for evidenciado que Tomakin é pai, essa hierarquia será quebrada e ele passará a ter mais prestígio do que o diretor. Dessa forma, o desejo de Bernard é justamente fazer com que o diretor passe por esse constrangimento. Assim, ao tirar a honra de seu adversário, sairia vitorioso desse conflito. Acrescentado a isso está o fato de que John permite a Bernard ser aceito socialmente.

Bernard Marx não possui um vínculo de amizade genuína com John. O rapaz é, para ele, só uma forma de conseguir o que ele realmente deseja. Bernard está

insatisfeito com sua sociedade por não poder conseguir o que anseia. O seu desejo é ser igual aos demais e não ser discriminado por suas diferenças. Para isso, Bernard necessita ser reconhecido. O reconhecimento só acontece quando ele traz John. Evidencia-se, assim, que a intenção de Bernard é conseguir prestígio diante dos demais, o que prova que a única pretensão dele com John é conseguir ascensão social:

Os dias passaram. O êxito subiu à cabeça de Bernard como um vinho capitoso e reconciliou-o completamente – como deve fazê-lo um bom produto inebriante – com um mundo que, até então, acha muito pouco satisfatório. Enquanto esse mundo reconhecesse sua importância, a ordem das coisas parecia-lhe boa. Mas, embora reconciliado pelo êxito, recusava-se a abandonar o direito de criticar essa ordem. Porque o fato de criticar exaltava nele o sentimento de sua importâncias, dava-lhe a impressão de ser maior. Além disso, ele acreditava sinceramente que havia coisas a criticar. – Ao mesmo tempo, agradava-lhe genuinamente ter sucesso e possuir todas as mulheres que quisesse (HUXLEY, 2009, p. 246).

Seduzido pelo interesse de conhecer o Outro Lado e devido à confiança criada em Bernard, John aceita, com a condição de levar Linda. A personagem, agora, modaliza-se pelo *poder fazer*, o que faz dele não mais um sujeito virtualizado, mas um sujeito atualizado. John sente-se empolgado para conhecer esse lugar:

O jovem suspirou profundamente. – Pensar que se tornará realidade aquilo que eu sonhei toda a vida... Lembra-se do que disse Miranda? – Quem é Miranda? Mas o moço, evidentemente, não ouvira a pergunta. – Oh, maravilha! – dizia ele, e seus olhos luziam, a fisionomia estava iluminada por um rubor vivo. – Como há aqui seres encantadores! Como é bela a humanidade! – Seu rubor acentuou-se subitamente; ele pensava em Lenina, num anjo vestido de viscose verde-garrafa, resplandecente de mocidade e de cremes de beleza, rechonchudo, sorrindo benignamente. Sua voz estremeceu-se. – ‘Oh, admirável mundo novo...’ – começou, depois interrompeu-se de repente; o sangue fugiu de seu rosto que ficou branco como papel. – Você é casado com ela? – perguntou. – Se eu sou... o quê? – Casado. Você sabe: para sempre. Diz-se ‘para sempre’ nas palavras dos índios; não se pode desfazer. – Ford, não! – Bernard não pôde deixar de rir (HUXLEY, 2009, p. 131).

No momento de empolgação de John, percebe-se que ele não conhece nenhum aspecto sobre a cultura do Outro Lado. Ele crê, assim, que a mesma cultura que possui nos seus livros há nesse outro lugar. A personagem não tem

conhecimento de que as pessoas não se casam nesse lugar para onde está indo. O riso de Bernard Marx mostra a ideia de que casamento possui um teor bizarro. A expressão “admirável mundo novo”, citada por John, reflete toda a admiração do rapaz pelo Outro Lado. Escolha por essa expressão tem como referência a obra de *A Tempestade*, de Shakespeare. A intertextualidade com a obra shakesperiana comprova-se principalmente por o enuncificador de Admirável Mundo Novo declarar que John é um leitor das obras de Shakespeare.

John tem apenas noção dessa sociedade com base no que alguém lhe instruiu. Os mecanismos de controle dessa sociedade impedem que o seu próprio cidadão conheça certos aspectos de sua estrutura. O cidadão, assim, tem conhecimento de sua sociedade somente com base nas informações promulgadas pela propaganda. São essas as informações que Linda relatou a John. Verifica-se, com isso, que não somente o cidadão dela, mas também os estrangeiros só têm conhecimento dessa sociedade a partir do que ela permite que saibam, ou seja, sabem apenas o que é exposto por meio da propaganda. A propaganda realizada pelo Estado Mundial é eficaz, a ponto de fazer com que os estrangeiros creiam que essa sociedade é igualitária e todos os cidadãos são felizes.

No período sócio-histórico em que a obra foi escrita, como citado anteriormente, havia muitas pessoas confiantes na possibilidade da existência de uma sociedade igualitária. A propaganda do Estado russo bolchevista agia de forma tão efetiva que conseguia fazer com que os estrangeiros acreditassem que esse Estado era totalmente igualitário, cujos cidadãos eram felizes. O Estado russo escondia informações de como sua sociedade realmente era para, assim, fazer com que os estrangeiros não conhecessem certos aspectos de sua estrutura social.

John, dessa forma, é a representação do indivíduo estrangeiro que tem a confiança na existência de uma sociedade igualitária. Essa crença dele ocorreu em decorrência da propaganda realizada pela sociedade principal. A propaganda influenciou Linda a criar o simulacro de uma sociedade perfeita e, em seguida, ela transferiu esse simulacro a seu filho.

3.2 A DECEPÇÃO NO PROCESSO DE DESALIAÇÃO DE JOHN

A performance de John em seu percurso de conquistar o seu objeto-valor inicia-se ao Bernard Marx conduzi-lo com Linda à cidade de Londres. A primeira ação realizada por Bernard, após a chegada com os dois, é levá-los para conhecer o diretor Tomakin, o pai de John. John procura se relacionar com seu pai. Em seu imaginário, John tem a expectativa de que seu pai irá gostar de vê-lo. A personagem acredita que Tomakin ficará satisfeito em saber que é pai e o aceitará como filho. Entretanto, saber repentinamente que é pai e o fato de a sociedade não aceitar que alguém seja pai faz com que Tomakin sinta vergonha ao ver John. A atitude do diretor é ignorar o filho. O rapaz não compreende a reação de seu pai. Por a situação não ocorrer da forma com que John imaginava, ele se sente decepcionado. O contato do diretor com seu filho torna-se um espetáculo e motivo de escárnio para os que observam:

Com o rosto vermelho, procurou desvencilhar-se do abraço de Linda. Ela aferrou-se a ele desesperadamente. – Mas sou eu, Linda; sou eu, Linda, sou eu, Linda. Sua voz foi abafada pelos risos. – Você me fez ter um bebê – gritou, dominando o tumulto. Houve um silêncio súbito e apavorante. Os olhares vagueavam constrangidos, não sabendo onde se fixar. O Diretor empalideceu de repente, parou de debater-se e ficou ali, as mãos nos pulsos de Linda, fitando-a horrorizado. – Sim, um bebê, e eu sou a mãe. [...] Se você soubesse como é horrível, Tomakin... Mas ele foi um grande consolo para mim, apesar de tudo. – Virando-se para a porta, chamou: – John! John! Ele entrou em seguida, deteve-se um instante ao transpor a soleira da porta, lançou um olhar em redor, depois atravessou a peça, rápida e silenciosamente com seu mocassins, caiu de joelhos diante do Diretor e disse em voz clara: – Meu pai! [...] ‘Meu pai’ – e era Diretor! ‘Meu pai!’ Oh, Ford! Oh, Ford! Essa era verdadeiramente colossal. Os uivos e rugidos de riso renovaram-se, os rostos pareciam estar a ponto de desintegrar-se, as lágrimas corriam (HUXEY, 2009, p. 138).

A sociedade determina que os cidadãos não possam ser pai ou mãe e os influencia a não querer ter filhos. Com isso, o fato de ser pai torna-se algo totalmente vexatório para o diretor, já que atinge sua imagem diante da sociedade. O vexame vivenciado por Tomakin o desprestigia socialmente e o impede de manter sua função.

John torna-se um objeto de espetáculo para os demais. Todos possuem curiosidade em conhecê-lo, devido às suas características diferenciadas. Ele começa a ser chamado de John, o Selvagem. Esse nome surge pela própria origem da personagem, já que Malpaís fica em uma selva onde as pessoas são nômades. A situação de ser colocado como um objeto de espetáculo faz com que John fique decepcionado. Ele esperava ser igual a todos os outros em Londres e confiava que seria aceito sem distinção, já que, em seu simulacro, todos eram felizes. Ao ocorrer o fato inesperado de ser transformado em motivo de zombaria, ele percebe que os outros o tratam com desigualdade, e isso o magoa:

As explosões de riso, redobrados, abafaram até mesmo a reprodução ampliada dos gemidos. – Mas por que é que eles riem? – perguntou o Selvagem com perplexidade magoada. – Por quê? – O Chanceler virou para ele o rosto ainda enrugado pelo riso. – Por quê? Ora, porque é extraordinariamente engraçado (HUXLEY, 2009, p. 253).

Surge a mágoa como consequência da decepção. John observa as diferenças entre seu local de origem e essa sociedade. Ele percebe que os cidadãos do Outro Lado têm hábitos totalmente diferentes dos de Malpaís:

– Acho que você não deveria ver coisas assim – disse, apressando-se a transferir de Lenina para as circunstâncias ambientes a culpa de qualquer imperfeição passada ou possível no futuro. – Assim como, John? – Como esse filme horrível. – Horrível? – Lenina ficou sinceramente espantada. – Mas eu o achei encantador (HUXLEY, 2009, p. 261-262).

John verifica que os cidadãos não seguem seus princípios. Seus preceitos têm base religiosa, que se fundamenta nos manuscritos bíblicos. Por seus valores de família é que a personagem procura ter um vínculo com seu pai. Sua atitude de ajoelhar perante Tomakin demonstra a submissão da personagem a seu pai e o desejo de ser aceito por ele. Diante disso, John percebe a dicotomia existente entre suas doutrinas e as dessa sociedade. Seus dogmas dão valor à família. Os cidadãos dessa sociedade consideram família algo repulsivo. Enquanto John crê em Deus, os outros acreditam em Ford. O rapaz tinha o simulacro de que suas crenças também eram seguidas no Outro Lado. O desejo de encontrar alguém que seguisse os

mesmos dogmas é que auxiliou em seu interesse de conhecer esse lugar. Como as pessoas do Outro Lado não seguem os mesmos preceitos que ele e a crença deles é totalmente diferente da sua, John fica desapontado, o que causa a decepção. Seu estado de espera em relação a crer que essa sociedade seguiria seus mesmos dogmas é quebrado. John começa a não ter mais a confiança em pertencer a essa sociedade. Dessa forma, seu simulacro é rompido.

A partir disso, desperta em John o interesse de examinar a estrutura social do Outro Lado e questioná-la. Inicia-se, assim, o processo de desalienação. O rapaz não concorda com o uso do soma e teme que a substância possa ser oferecida para sua mãe.

Os cidadãos do Estado Mundial têm a intenção de fazer com que John comece a ter os mesmos hábitos que eles. Essa intenção pode ser considerada como uma forma de civilizar John. Ele não aceita esse processo de civilização. Esse fato aumenta a decepção de John com relação a essa sociedade. John esperava ser aceito da forma que ele é e não esperava que tivesse que mudar sua forma de ser para poder ser aceito. Enquanto o rapaz procura manter seus dogmas, os indivíduos dessa sociedade tentam influenciá-lo a corrompê-los. A personagem *não quer ser* igual aos demais indivíduos, e os outros *querem fazê-lo* ser igual a eles. Esse conflito norteia toda a estadia de John em Londres. Como forma de resistência, John em seus atos, se afasta de situações que poderão fazê-lo se corromper:

‘O Selvagem’, escreveu Bernard, ‘recusa-se a tomar soma e parece muito aflito porque a mulher Linda, sua m... vive em permanente fuga de realidade. É digno de nota que, apesar da senilidade de sua m... e de seu aspecto extremamente repulsivo, o Selvagem vai vê-la frequentemente e parece ser-lhe muito apegado (HUXLEY, 2009, p. 250).

John torna-se um sujeito sem um lugar, sem uma identidade, mas se vê obrigado a fazer parte dessa sociedade. A opção de voltar a Malpaís é inexistente. Ele não possui meios ou direitos que lhe permitam retornar. Por mais que volte, a sua insatisfação com Malpaís continuaria.

O rapaz descobre que ele não tem liberdade e que seus desejos não têm valor. A decepção está inserida, então, nesse contexto por suas expectativas referentes a esse lugar não ocorrerem da forma como ele imaginava. Há um

desapontamento em relação a como essa sociedade é constituída, já que sua estrutura não condiz com seus valores. Esse local não pode trazer a felicidade que ele tanto deseja. John mantém-se recluso e mantém os mesmos hábitos que sempre teve:

Cinco minutos depois, eles estavam de volta ao seu quarto. Tirou de um esconderijo o volume roído pelos ratos, virou com cuidado religioso as páginas manchadas e amarfanhadas e começou a ler *Otelo*. Otelo, lembrou-se, parecia-se o herói de *Três semanas em helicóptero* (HUXLEY, 2009, p. 264).

Quando descobre a intenção de Bernard Marx, John se sente usado por isso. A decepção dele com Bernard insere-se nesse contexto por John ter em seu imaginário que Bernard tinha amizade com ele, pela afinidade que os dois possuíam por ambos se sentirem solitários. Devido a essa amizade, John não esperava que o amigo o colocasse em uma situação que não desejava, sem ao menos ser consultado. Isso o surpreende e faz com que a confiança em Bernard se desfaça. Há, assim, uma ruptura fiduciária. A decepção faz com que John modalize-se pelo querer não ser mais amigo de Bernard e, conseqüentemente, decide não cooperar com Bernard.

Bernard teve de gritar através da porta fechada a chave; o Selvagem não queria abrir. – Mas todos estão lá esperando por você. – Que esperem – foi a resposta que veio em voz abafada. – Mas você sabe muito bem, John – como é difícil ser persuasivo falando em altos brandos! – que eu os convidei expressamente para conhecê-lo. – Devia ter perguntado primeiro a mim se queria conhecê-los. – Mas você sempre veio nas outras vezes, John. – É justamente por isso que agora não quero ir mais. – Só para me agradar – suplicou Bernard com voz tonitruante. – Você não quer vir, para me agradar? – Não. – Está falando sério? – Sim. Em desespero, Bernard gemeu: – Mas, então, que hei de fazer? – Vá para o inferno! – berrou lá de dentro a voz exasperada (HUXLEY, 2009, p. 267).

A decepção, nesse sentido, não é apenas com Bernard, mas com toda a forma de agir dos indivíduos dessa sociedade. Mediante a atitude de Bernard, John percebe que todos os vínculos sociais existentes nesse local são por interesse e, diante disso, ele não pode confiar em ninguém e não pode esperar nenhuma ajuda.

Bernard Marx fica desesperado ao perceber que John não cooperará com ele. Bernard diminui o tom de voz na tentativa de ser persuasivo com John e para ocultar seu desespero, mas seu estado passional não permite que ele altere a voz por muito tempo. Por haver um aumento na tonalidade de voz, caracteriza-se que Bernard procura manipular John pela intimidação: “Bernard teve de gritar através da porta fechada a chave; o Selvagem não queria abrir” (HUXLEY, 2009, p. 267). A partir do momento em que Bernard faz o pedido para que o John coopere para agradá-lo, a manipulação passa de intimidação para sedução: “– Só para me agradar – suplicou Bernard com voz tonitruante. – Você não quer vir, para me agradar?” (HUXLEY, 2009, p. 267).

Bernard Marx tem ciência sobre a não cooperação do rapaz. Ele voltará para seu estado de disforia, e todo o seu prestígio será desfeito. Quando John passa a não cooperar com ele, Bernard volta a ser desprezado socialmente. O prestígio que possuía não era pela forma como ele era, mas sim pelo espetáculo que ele proporcionava. A partir do momento em que não tem como proporcionar esse espetáculo, a personagem volta ao seu estado de solidão e infelicidade. Isso transforma seu aspecto físico e faz acabar toda a sua desenvoltura:

Os demais convidados retiraram-se depois de um respeitoso intervalo. O último bateu com a porta. Bernard ficou só. Esmagado, completamente murcho, atirou-se numa cadeira e, cobrindo o rosto com as mãos, começou a chorar. Ao fim de alguns minutos, entretanto, mudou de parecer e tomou quatro comprimidos de soma (HUXLEY, 2009, p. 272).

Nesse momento, Bernard não vê outra saída a não ser recorrer ao uso do soma como tentativa de afastar de sua infelicidade. A fuga de Bernard tem a duração apenas do tempo que a droga faz efeito sobre seu organismo. Assim que o efeito acaba, Bernard volta à sua paixão anterior. Bernard culpa John pelo seu infortúnio, por mais que saiba que John não é o verdadeiro responsável por isso:

A essa hora, Bernard dormia profundamente e sorria no paraíso pessoal dos seus sonhos. Sorria, sorria. [...] E amanheceu. Bernard retornou ao espaço e ao tempo. Foi num estado de desânimo total que tomou o táxi para o trabalho no Centro de Condicionamento. A embriaguez do sucesso havia se dissipado; voltara sobriamente ao seu velho eu [...] A esse Bernard apático, o

Selvagem demonstrou uma inesperada simpatia. – Você está mais parecido com aquele que era em Malpaís – disse ele, quando Bernard lhe contou suas lastimosa história. – Lembra-se da primeira vez em que nós conversamos? Na frente da pequena casa? Você se parece com o que era então. – Porque sou infeliz de novo, essa é a razão. – Pois bem, eu preferiria ser infeliz a ter essa espécie de felicidade falsa e mentirosa que você gozava aqui – Essa é boa! – retrucou Bernard com amargura. – Quando foi você a causa de tudo! Recusando-se a comparecer à minha reunião e voltando todo contra mim! (HUXLEY, 2009, p. 152).

A simpatia de John com Bernard constata que ele se sensibiliza com o infortúnio do amigo. Por mais que tenha uma mágoa e não confie mais em Bernard, John não quer que seu amigo sofra. Ele aproveita a oportunidade para expor seu ponto de vista sobre essa sociedade. Com isso, ao elucidar que a percepção de felicidade é inverídica e que o vínculo de amizade é inexistente nessa sociedade, John procura desalienar Bernard para, assim, não ser o único a pensar dessa forma. A intenção de mostrar seu ponto de vista é manipular Bernard a ter o mesmo pensamento que ele. Assim como querem fazer John ser como os demais, John procura fazer com que os outros mudem seu pensamento e sejam iguais a ele. O conflito, nesse sentido, é duplo. As pessoas manipulam John. Ele, por sua vez, procura manipular os outros. Há nisso um jogo de força. Nessa luta, John é o mais enfraquecido, por ser o único que combate em favor de seus valores. Fazer com que Bernard observe que a percepção de felicidade é inverídica é uma tentativa de John de fazer o outro lutar pelo mesmo ideal que ele luta.

Nesse momento, a única pessoa em que John confia é Lenina. O rapaz possui um sentimento de afetividade e um apego por Lenina, e isso faz com que ele crie um simulacro a respeito dela. John, em seu imaginário, enaltece essa mulher. Ele a considera como uma mulher sublime. Quando ela tem contato físico com ele, John se sente constrangido, o que culmina em vergonha na personagem:

Tomou o braço do Selvagem, apertou-o, inerte, contra o seu corpo. Ele baixou os olhos um segundo para ela, pálido, atormentado, cheio de desejo e envergonhado por isso. Ele não era digno, não era... Seus olhares cruzaram-se um momento. Que tesouros prometiam o de Lenina! De um temperamento preciosíssimo. Ele apressou-se a desviar os olhos, despreendeu seu braço aprisionado. Obscuramente, temia que ela deixasse de ser algo de que ele pudesse considerar-se indigno (HUXLEY, 2009, p. 261-262).

Essa paixão transparece de forma comportamental. O ato de desviar os olhos e de desprender seu braço demonstra que a personagem procura se desvencilhar dessa situação. Devido a seus preceitos, John não se sente digno para tal ato. John tem o simulacro de que, para ter uma relação com uma mulher, o matrimônio deve ser concebido. Para ele, o matrimônio deve ser fruto de conquista e não simplesmente da decorrência de um desejo libidinoso: “– Em Malpaís – gaguejava incoerentemente o Selvagem – a gente devia trazer a pele de um leão das montanhas... quero dizer, quando queria casar com alguém. Ou então de um lobo” (HUXLEY, 2009, p. 292).

Diante disso, o receio de John de realizar algo que o torna indigno é reforçado pela sua intenção de não se corromper. Por mais que tenha um sentimento por Lenina, ele procura evitar contato com ela, por considerar seus preceitos mais importantes que sua afetividade. John está preso aos dogmas aprendidos em Malpaís. A personagem insiste em seguir o modo de vida que lhe foi ensinado. O rapaz não considera as alternativas que lhe são apresentadas, por mais práticas e benfeitoras que elas sejam. Seu comportamento é padronizado.

Nesse momento, há uma desconfiança de John em relação a Lenina. Ele sente receio de que essa mulher faça algo que ele não queria e, com isso, a evita. Por outro lado, Lenina não possui um sentimento afetivo por John, mas possui um desejo de ter um contato físico com ele. Ela o vê como um objeto de prazer e, dessa forma, ela deseja ter relações sexuais com ele. Esse desejo de Lenina é, primeiramente, motivado pela curiosidade. Ela quer saber como é praticar um ato sexual com um indivíduo diferente dos demais:

– É maravilhoso, sem dúvida. Entretanto, de certo modo – confessou ela a Fanny –, tenho a sensação de que estou conseguindo alguma coisa de má-fé. Porque, naturalmente, a primeira coisa que todos desejam saber é o que sente ao manter relações amorosas com um Selvagem. E sou forçada a dizer que não sei. – Balançou a cabeça. – A maioria dos homens não acredita, claro. Mas é a verdade. Bem desejaria que não fosse – acrescentou com tristeza, e suspirou. – Ele é lindo de morrer, você não acha? (HUXLEY, 2009, p. 257).

Lenina é modalizada pelo *querer ter* um contato físico com John. Como ele a evita, ela se torna um sujeito virtualizado com a modalização do *querer* e pelo *não poder*. A personagem não tem interesse por mais ninguém além de John. Ter

contato com outro não mais a satisfaz. Cada vez mais a angústia perdura, seus pensamentos são todos voltados para John, o que faz com que ela fique obcecada por ele:

Uma hora mais tarde, no vestiário. Fanny protestava energicamente: – É absurdo você se deixar chegar a esse estado. Simplesmente absurdo – repetiu. – E por quê? Por causa de um homem, um homem! – Mas é o homem que eu quero. – Como se não houvesse milhões de outros homens no mundo. – Mas eu não quero esses. – Como é que você pode saber, se não experimentou? – Eu experimentei. – Mas quantos? – perguntou Fanny, dando de ombros desdenhosamente. – Um? Dois? – Dúzias. Mas – e Lenina sacudiu a cabeça – Isso não me serviu de nada. [...] Tome o soma, então. – É o que eu faço. – Pois continue. – Mas nos intervalos continuo gostando dele. Gostarei dele sempre. – Bem, se a coisa é assim – disse Fanny com decisão –, por que você não vai lá e o agarra, simplesmente, quer ele queira, quer não? (HUXLEY, 2009, p. 289).

Manipulada pela amiga, a quem confidenciou seu sofrimento, a saída encontrada por Lenina para sanar essa paixão é a de tentar ter um contato físico amoroso com John. Ele recusa praticar esse ato, e essa investida de Lenina faz com que John aja de forma violenta. O simulacro que ele possuía sobre a figura de Lenina é desfeito, principalmente por não esperar tal atitude. Ele percebe que os valores pregados por essa mulher não são o que ele prioriza. John começa, assim, a considerá-la promíscua:

– Meu bem! – disse Lenina, e, pousando-lhe as mãos nos ombros, achegou-se a ele. – Envolve-me em teus braços – pediu. – Beija-me, abraça-me com rudeza. [...] O Selvagem tomou-lhe os pulsos, arrancou de seus ombros as mãos de Lenina e repeliu-a brutalmente. – Ai, você está me machucando, você... oh! – Ela calou-se de repente. O terror fizera-lhe esquecer a dor. Abrindo os olhos, vira aquele rosto... não, não era o rosto de John, mas o de um estranho feroz, um rosto pálido, desfeito, contraído por um furor insensato e inexplicável. [...] Prostituta! – urrou. – Prostituta! Impudente cortesã. – Oh, não, não... – protestou ela, com uma voz que as sacudidas que ele lhe dava tornavam grotescamente trêmula. – Prostituta! – Por favor! – Maldita prostituta! – Um gra-ama é melhor-or... – Começou ela. O Selvagem repeliu-a com tal violência que ela cambaleou e caiu. – Vai-te – vociferou ele de pé ao lado dela, dominando com um olhar ameaçador. – Vai-te para longe de minha vista, ou eu te mato! (HUXLEY, 2009, p. 297-298).

A recusa do sexo é uma forma de resistência de John. Em seus preceitos está o de manter sua castidade. Nesse momento, John se decepciona com Lenina. Ela era, na sua concepção, uma pessoa sublime. O rapaz acreditava que o sentimento por ela era mútuo. Quando Lenina age dessa forma, a confiança de John nessa mulher é quebrada. O fato de ele possuir um sentimento de afetividade por ela e ela agir no sentido contrário decepciona John. Como consequência da quebra de confiança, John agride Lenina. O ato de agredi-la manifesta que a personagem está negando a racionalidade. Dessa forma, o ato de violência de John é uma forma comportamental consequente da decepção. A agressão ocorre tanto de forma física como verbal. John pede a Lenina para ir embora, senão ele a mata. Essa é a forma encontrada por ele para modalizar-se *não querer ser parte* dessa situação. A decepção, nesse sentido, não é apenas com Lenina, mas com todas as mulheres dessa sociedade. John percebe que todas as mulheres têm o mesmo pensamento que Lenina. Sendo assim, na visão dele, todas são promíscuas.

John queria ser aceito pelo pai, mas o pai não o aceitou. A sociedade que ele idealizava não existe. Ele queria ser amigo de Bernard e queria poder confiar nele, mas isso não ocorreu. Ele julga que a mulher que ele enaltecia é promíscua. A quebra desses simulacros causou-lhe decepção. Ademais, John sente-se perturbado, porque as pessoas não seguem seus valores. Assim, ele as questiona sobre o porquê de elas aceitarem o estado em que vivem:

– Mas vocês gostam de ser escravos? – dizia o Selvagem quando eles entraram no Hospital. Seu rosto estava rubro, seus olhos chamejavam de ardor e indignação. [...] A dor e o remorso, a compaixão e o dever, tudo estava agora esquecido e de algum modo absorvido num ódio intenso e irresistível àqueles monstros menos que humanos. – Vocês não querem ser livres, ser homens? Nem sequer compreendem o que significa ser homem, o que é liberdade? – A raiva tornava-o um orador fluente, as palavras ocorriam-lhe com facilidade, jorravam – Não compreendem? – insistiu, mas não obteve resposta. – Pois bem! Então – prosseguiu em tom feroz –, então eu vou ensiná-los; vou obrigá-los a ser livres, queiram ou não queiram. [...] Um grande grito se elevou subitamente do meio da multidão; uma onda de movimento impeliu-a, ameaçadora, para o lado do Selvagem (HUXLEY, 2009, p. 324-325).

A decepção de John pode ser observada por marcas em relação a seu comportamento. O enunciador ressalta que a personagem tem uma aparência de

indignação, devido ao fato de John não conseguir mais aceitar a forma como a sociedade está estruturada. Ele estava modalizado a *crer* que essa sociedade seria de uma forma, mas constatou que ela era de outra forma. John quer que essa sociedade seja da forma que ele acreditava, mas não pode fazer com que ela mude.

A forma utilizada por John para tentar fazer com os outros assimilem seus preceitos, para assim alterar a estrutura da sociedade, é por meio da manipulação por intimidação: “– Pois bem! Então – prosseguiu em tom feroz –, então eu vou ensiná-los; vou obrigá-los a ser livres, queiram ou não queiram” (HUXLEY, 2009, p. 325). Ele intenta impor à base da violência seus pensamentos. Ele *quer ser* uma pessoa com influência em relação aos demais, mas não possui a competência. Os cidadãos têm aquele estilo de vida como a única existente e, por isso, eles têm impregnado o pensamento de que aquela é a melhor forma de viver. Diante disso, eles não conseguem entender o que John procura ensinar. John é reprimido e sua tentativa de mudar a opinião dos outros é fracassada. Ele não consegue acreditar como as pessoas aceitam tal estilo de vida e, por isso, acredita que pode mudar o pensamento das pessoas. Ele espera que, no momento em que as pessoas perceberem que são escravas, elas irão perceber o real estilo de vida que levam. Nesse conflito de interesses, nenhum dos lados consegue manipular o outro lado.

A decepção de John é agravada ao se deparar com a possibilidade de perder sua mãe. John empenha-se em buscar ajuda para Linda:

O Selvagem estava de pé, inclinado sobre ela. – O que é, Linda? O que é? – Sua voz implorava; dir-se-ia que lhe suplicava que o tranquilizasse. O olhar que ela lhe dirigiu estava carregado de terror indiscutível – de terror e, pareceu-lhe, de censura. Linda tentou soerguer-se, mas recaiu sobre os travesseiros. Tinha o rosto horrivelmente contorcido, os lábios azuis. O Selvagem virou-se e correu para a outra extremidade da sala. – Depressa, depressa! – gritou. – Depressa! [...] Quando chegaram junto a Linda, ela estava morta. O Selvagem permaneceu um momento de pé, mudo, depois caiu de joelhos junto à cama e, cobrindo o rosto com as mãos, soluçou perdidamente (HUXLEY, 2009, p. 314-315).

A personagem procura manipular alguém a ajudar sua mãe. Ele quer fazer algo para que sua mãe receba auxílio: “O Selvagem virou-se e correu para a outra extremidade da sala. – Depressa, depressa! – gritou. – Depressa!” (HUXLEY, 2009, p. 315). O fato de gritar demonstra, mais uma vez, que a manipulação é por

intimidação. Além disso, o grito sugere que a personagem está negando o racional. Essa marca denuncia que a decepção está em seu último estado de tensão. Quando John não consegue ajudar sua mãe, que morre, há nisso uma ruptura fiduciária, em que John não possui confiança em ninguém.

Com isso, ele não possui mais a visão superficial da sociedade. Nesse sentido, a decepção de John com a sociedade principal é a mesma dos indivíduos com o Estado russo bolchevista, no período histórico em que a obra foi escrita. Tanto John como esses indivíduos perderam a confiança na possibilidade de construir uma sociedade totalmente igualitária, na qual todos os cidadãos são felizes. Ambos constaram que esse ideal de sociedade só foi materializado no discurso.

John continua solitário como era em Malpaís. Ter perdido sua mãe agrava seu sentimento de solidão. Ele continua sem um lugar no mundo. O seu desejo inicial de encontrar um lugar no mundo não ocorre. Isso o impede de se tornar um sujeito realizado.

3.3 O EXÍLIO DE JOHN

Ao constatar que o Outro Lado não é seu lugar no mundo, John anseia por achar um lugar onde possa viver sem intervenção. O rapaz não pretende ter uma felicidade simulada:

– Mas eu gosto dos inconvenientes. – Nós não. Preferimos fazer as coisas confortavelmente. Mas eu não quero conforto. Quero Deus, quero a poesia, quero o perigo autêntico, quero a liberdade, quero a bondade. Quero o pecado. – Em suma, disse Mustafá Mond –, o senhor reclama o direito de ser infeliz.– Pois bem, seja.– retrucou o Selvagem em tom de desafio. – Eu reclamo o direito de ser infeliz. [...] Mustafá Mond – À vontade – respondeu. (HUXLEY, 2009, p. 366).

As marcas deixadas na enunciação mostram que John *não quer* ser mais do Outro Lado. Nisso, constata-se que a importância investida por John em seu objeto-valor alterou-se. No começo de seu percurso, ele *quer ser* do Outro Lado; na

fase final, a personagem está convencida a *não querer ser*. A decepção de John alterou o valor investido no Outro Lado.

John, assim, começa novamente seu percurso em busca de um lugar no mundo: “Quero Deus, quero a poesia, quero o perigo autêntico, quero a liberdade, quero a bondade. Quero o pecado” (HUXLEY, 2009, p. 366). Isso mostra o desejo dele em *querer ser* de um lugar onde ele tenha autonomia. Ele escolhe um local que crê não ser infectado pela civilização: “O Selvagem escolhera para seu eremitério o velho farol que se erguia sobre a crista da colina entre Puttenham e Elstead” (HUXLEY, 2009, p. 372). O rapaz crê *poder* praticar os hábitos que ele deseja, sem nenhuma interferência e sem nenhuma relação com a civilização. Há nele satisfação por ter essa liberdade e por crer não ser incomodado. Ele gerencia todos os mantimentos necessários para estabelecer sua vida nesse local:

Puttenham não tinha campo de golfe; as superfícies de Riemann mais próximas acham-se em Guildford. As flores e a paisagem eram ali as únicas atrações. De modo que, como não havia razão plausível para vir, ninguém vinha. Durante os primeiros dias o Selvagem viveu só, sem ser incomodado [...] Antes de deixar Londres, comprara quatro cobertores de lã de viscose, corda, barbante, pregos, cola, algumas ferramentas, fósforos – se bem que tivesse a intenção de fazer uma broca de fogo –, algumas panelas e caçarolas, duas dúzias de pacotes de sementes e dez quilos de farinha de trigo (HUXLEY, 2009, p. 375).

Entretanto, a personagem não se sente digna de obter esse lugar. A decepção por ter optado em ir ao Outro Lado ainda está presente em John. Em sua concepção, só o fato de ter vivido na civilização e ter acreditado que aquele lugar era o ideal para se viver, faz com que se sinta culpado. John crê que só o suplício pode purificá-lo. O suplício, em seu imaginário, é a forma de expiar seus pecados:

Aplacou a consciência prometendo impor-se, como compensação, uma disciplina pessoal mais dura, purificações completas e rigorosas. Sua primeira noite no novo eremitério foi deliberadamente de insônia. Passou-a de joelhos, dirigindo preces ora àquele Céu a que o culpado Cláudio mendigara perdão, ora em zuni a Awonawilona, ora a Jesus e Pukong, ora ao seu próprio animal guardião, a águia. De quando em quando, abria os braços como se estivesse pregado numa cruz e mantinha-os assim por longos minutos, sentindo dores que aumentavam gradualmente até se tornarem uma agonia trêmula e cruciante; mantinha-os assim numa

crucificação voluntária, repetindo entre os dentes semicerrado – ao mesmo tempo que o suor lhe escorria pelo rosto -: ‘Oh! Perdoai-me! Purificai-me! Oh! Ajudai-me a ser virtuoso!’, muitas e muitas vezes, até quase desmaiar de dor (HUXLEY, 2009, p. 372-373).

Após a purificação, John sente-se confortável. Entretanto, o conforto é temporário. A personagem volta a ser um objeto de espetáculo. Um indivíduo descobre a sua localização e divulga o local aos demais. A partir disso, a curiosidade em cima de John é retomada. A personagem é, assim, vigiada pelos outros, e sua liberdade fica comprometida. Ele procura evitar essa situação. Em seus atos, tenta defender-se e espantar os que têm curiosidade, mas as pessoas continuam perseguindo-o insistentemente:

Secado e endurecido a fogo lento de madeira verde, o arco ficara pronto. O Selvagem estava ocupado na confecção de flechas. [...] – Bom dia, Sr. Selvagem – disse. – Sou o representante da Rádio Horário. Sobressaltado como pela picada de uma serpente, o Selvagem ergueu-se de um pulo, espalhando flechas, penas, pote de cola e pincel em todas as direções. – Peço-lhe desculpas – disse o repórter, com sincero pesar. – Não tinha a intenção... – Levou a mão ao chapéu, à cartola de alumínio em que levava seu receptor e transmissor de rádio. – Desculpe-me se não o tiro – escusou-se. – é um pouco pesado... Como estava dizendo, sou o representante do Rádio... (HUXLEY, 2009, p. 378).

Por John mudar a forma de agir, a curiosidade pelo rapaz aumenta. Isso faz com que eles fiquem na expectativa de ver a forma com que o rapaz se comporta. As pessoas do Outro Lado vivem constantemente buscando o prazer. Como a vida deles é monótona, eles se sentem interessados ao se depararem com uma situação diferente da que estão acostumados. Tudo que foge à normalidade acaba se tornando motivo para diversão e como a forma de agir de John desvia-se totalmente da normalidade, eles querem compartilhar com todos os outros cidadãos:

Do seu esconderijo construído cuidadosamente no bosque, a trezentos metros dali, Darwin Bonaparte, o mais hábil fotógrafo de caça de grande porte da Companhia Geral de Filmes Sensíveis, observara toda a cena. [...] Manteve suas câmeras telescópicas cuidadosamente focadas no alvo móvel – coladas nele; instalou uma objetiva mais poderosa para obter um close da fisionomia frenética e contorcida [...] ouviu durante esse tempo, no receptor, os golpes, os gemidos, as palavras ferozes e desvairadas que se gravavam na trilha sonora (HUXLEY, 2009, p. 383).

A decepção ocorre por, em seu imaginário, John acreditar que esse lugar seria onde ele teria a liberdade de fazer o que desejava, e isso, na prática, não ocorre. Para não deixar a decepção influenciar sua vida, John procura manter seus hábitos normalmente. Ele se responsabiliza pelo cultivo de seus próprios alimentos, o que lhe agrada, pois tem uma ocupação. Nos momentos em que não está sendo perseguido, o rapaz sente alívio:

O Selvagem cavava o que viria a ser a sua horta. No fim de alguma tempo, a vermina evidentemente se cansava e ia embora; durante horas a fio, o céu acima dele ficaria vazio e silencioso, não fossem as cotovias (HUXLEY, 2009, p. 382).

John não consegue se desprender das lembranças de seus infortúnios. A decepção ainda está presente e isso continua a perturbá-lo. O seu trabalho é uma forma de fuga de suas recordações. Entretanto, nos momentos de interrupção do trabalho, elas voltam. Ele crê, com isso, que não está totalmente purificado. Diante disso, o rapaz opta pelo autoflagelo:

Estava quente e pesado, o ar carregado de eletricidade. Ele cavara toda a manhã e repousava deitado no chão. De repente, a lembrança Lenina tornou-se uma presença real, nua e tangível, dizendo: 'meu querido!' e 'Aperta-me em teus braços' [...] – Cortesã, cortesã! Bradava a cada golpe, como se fosse Lenina – e com que furor, sem o saber, desejava que fosse ela! –, aquela Lenina infame de corpo branco, tépido, perfumado, que ele flagelava assim. – Cortesã! – E depois, com voz desesperada: – Oh! Linda, perdoai-me, Deus! Eu sou vil! Eu sou mau. Eu... Não, não, cortesã! Cortesã (HUXLEY, 2009, p. 382-383).

O autoflagelo ainda não é capaz de fazer com que John deixe seu estado de decepção. Constata-se, assim, que todas as decepções ocorrem devido ao rompimento de simulacros. Em todas as situações em que a personagem acreditou que seria de uma determinada forma. Entretanto, em nenhuma delas foi da maneira pelo qual ele esperava. Isso fez com que se tornasse um indivíduo constantemente decepcionado. Todos os lugares que a personagem habitou não foram adequados à sua forma de ser. John, dessa forma, continua a ser uma pessoa sem um lugar no mundo. Sua procura foi falida. Ele se torna um sujeito descentrado, ou seja, um indivíduo que não sabe quem realmente é e qual é seu lugar no mundo. Por ter

recusado todas as situações em que poderia ter sua identidade formada, a personagem torna-se uma pessoa excluída socialmente. Sem saber o que fazer, a solução encontrada por John é o suicídio:

A porta do farol estava entreaberta. Empurraram-na e entraram numa penumbra de janelas fechadas. Por um arco na outra extremidade do local viam-se os primeiros degraus da escada que levava aos andares superiores. Exatamente sob o fecho do arco pendiam dois pés – Sr. Selvagem! Lentamente, muito lentamente, como duas agulhas de bússola sem pressa, os pés voltaram-se para a direita: norte, nordeste, leste, sudeste, sul, sul-sudoeste; depois se detiveram e, passados alguns segundos, começaram a girar, com a mesma lentidão, para a esquerda: sul-sudoeste, sul, sudeste, leste (HUXLEY, 2009, p. 391-392).

O suicídio é uma forma de fuga de John. Como seu estado de disforia é permanente, a personagem não sente nenhum prazer em viver. Como em nenhum momento os seus simulacros foram concretizados, John morre sem ter um lugar no mundo.

A decepção durante o percurso de John na busca por um lugar no mundo foi determinante para que ele cometesse tal ato. Nesse contexto, pode-se considerar o suicídio como o último estágio da decepção da personagem e também o último ato de John em seu percurso em encontrar um lugar do mundo.

Para chegar a tal ato, a decepção da personagem desenvolveu-se gradativamente durante seu percurso. John, inicialmente, não é um sujeito decepcionado. Decepcionou-se devido a diversos fatores que ocorreram durante o seu percurso. O primeiro fator que lhe causou decepção relaciona-se à sua crença na existência de um lugar ideal no mundo. A influência de sua mãe fez com que ele considerasse o Estado Mundial como esse lugar perfeito. Na crença de que lá é seu local no mundo, John fica obstinado a conhecê-lo.

A decepção da personagem começa já no início de seu percurso no Estado Mundial. A primeira ação de John é ter contato com seu pai. Ele tinha a confiança de que seria bem recebido e aceito por seu pai, entretanto John é repudiado por ele, o que fez com que começasse a se decepcionar.

No decorrer do percurso, John percebe que esse lugar não é como ele acreditava. Observa que as pessoas não seguem o mesmo dogma que ele. Como

consequência de sua estadia, a confiança de John de que lá era seu local no mundo e todo o seu imaginar de um lugar ideal se desfazem. A decepção de John se agrava.

John também se decepciona no contato com outros indivíduos. Pessoas, como Bernard Marx e Lenina, agiram de uma forma que John não esperava, o que fez a personagem não ter mais confiança em ninguém. Para escapar desse estado disfórico, ele opta pelo exílio. Entretanto, novamente a personagem se vê decepcionada por ter seu espaço invadido por outros indivíduos. Nessa situação, o suicídio torna-se para John a única alternativa para escapar do estado de decepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação de mestrado, analisou-se a paixão da decepção da personagem John. Para isto, foi-se necessário realizar um arcabouço teórico sobre o *pathos*. Não somente esse referencial teórico, foi preciso levantar determinados aspectos relacionados à obra para, assim, poder compreender a decepção do personagem John.

No primeiro capítulo da dissertação, procurou-se levantar referenciais teóricos sobre a Semiótica das paixões. Abordou-se a decepção como uma paixão derivada de outras paixões. O sujeito passou por um determinado percurso até decepcionar-se. Evidenciou-se que a decepção surge no momento em que o sujeito percebe que esse objeto-valor não possui o valor que ele lhe atribui. O ponto importante desse capítulo para a continuidade da pesquisa foi o de esclarecer que a existência de simulacros é determinante para o sujeito atribuir valor a um objeto. O simulacro faz com que o sujeito tenha uma determinada crença que não condiz com a realidade. Consequentemente, o indivíduo pode, com base nessa crença, atribuir um determinado valor a um objeto que pode ser inexistente.

Esse levantamento permitiu que, no terceiro capítulo, fosse possível comprovar os simulacros que influenciaram John a possuir um determinado objeto-valor. A verificação de todos esses elementos permitiu compreender as razões que permitiram o aparecimento da decepção do protagonista.

No capítulo dois dessa dissertação, mostrou-se a relação da obra *Admirável mundo novo* com diversos aspectos históricos. Os elementos existentes nas estruturas sociais e os nomes das personagens são as mais evidentes referências do contexto histórico. Esse capítulo foi fundamental para compreender as formações ideológicas da presentes na obra, que evidenciam uma denúncia sobre a condição humana. Essa crença pode ser comprovada por a análise demonstrar que os indivíduos na sociedade central de *Admirável Mundo Novo* são controlados pelo Estado.

A análise permitiu também demonstrar que a obra faz uma crítica tanto ao capitalismo quanto ao comunismo. Nesse contexto, percebe-se que independentemente da natureza do sistema político, ele cria uma espécie de

"cegueira social". Para ela ocorrer de forma efetiva, faz-se necessário o uso de determinados mecanismos. Por esse motivo, a obra demonstra a religião e a ciência como as principais formas de controlar o comportamento e as crenças dos cidadãos. Comprova-se, nesse contexto, a existência de um determinismo na sociedade da obra *Admirável Mundo Novo*. A obra de Huxley, nessa perspectiva, abre um viés para o questionamento do determinismo não somente na obra, mas também exterior a ela. O leitor pode, por meio da denúncia de Huxley, refletir até mesmo sobre sua condição perante a sua sociedade.

No terceiro capítulo, focou-se na decepção de John. Evidenciou-se que John teve a crença que o Estado Mundial era seu lugar no mundo devido a um simulacro de que lá todos eram felizes. A infelicidade de John em Malpaís colaborou para a constituição desse simulacro. Durante seu percurso, John consegue entrar em conjunção com seu objeto-valor, ou seja, consegue viver no Estado Mundial. Entretanto, o personagem percebe que esse lugar não é como ele acredita. Diversos fatores o fizeram decepcionar-se.

Após a análise, é possível perceber que a decepção de John ocorre pela insistência em seus dogmas. O personagem está aficionado naquilo que crê ser o correto. Observa-se, com isso, que, da mesma forma que os cidadãos do Estado Mundial estão submissos a um determinado modo de vida, John também está. Há diferença no fanatismo de John e no dos cidadãos do Estado Mundial, por mais que ambos sejam cegueiras causadas pela religião. O personagem crê na abstinência sexual, enquanto os outros buscam esse prazer.

Em geral, a pesquisa evidencia que a decepção de John em *Admirável Mundo Novo* ocorre por seus excessos. A obstinação de John em seguir determinados comportamentos e pensamentos faz com que o personagem não consiga adaptar-se socialmente. Como o personagem considera seu estilo de vida como a única correta, John não aceita a forma de vida do demais. Isso faz com que ele se exclua socialmente e se torne um indivíduo problemático. Por meio da análise da decepção de John, observa-se que o suicídio do personagem é o meio encontrado por ele para escapar da sua incompletude enquanto ser social, do seu vazio social, o que determina John como um sujeito da falta.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Origem do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

BAKER, Robert. *Brave New World: history, science and dystopia*. Boston: Twayne Publisher, 1990.

BARROS, Diana. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1988.

_____. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. **Cruzeiro Semiótico**, Porto, n. 11/12, p. 60-73, 1990.

_____. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; LANDOWSKI, Eric. **Do inteligível ao sensível**: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: Educ, 1995. p. 81-97.

_____. **Teoria semiótica do texto**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Imagens do pensamento*. In: **Obras escolhidas II**: rua de mão única. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERTRAND, Dennis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

BUCK-MORSS, Susan. *Estética e anestésica: o 'Ensaio sobre a obra de arte' de Walter Benjamin reconsiderado*. **Travessia**, n. 33, p. 11-41, 1996.

CALDER, Jenni. **Huxley and Orwell: Brave New World and Nineteen Eighty-Four**. London: Edward Arnold, 1976.

CHABROL, Claude. *Alguns problemas da gramática narrativa e textual*. In: **Semiótica narrativa textual**. Tradução Leyla Perrone Moisés et al. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 11-35.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. 12. ed. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ENCICLOPÉDIA BARSA. 10 ed. v. 13. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1973.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio on-line. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo dicionário de língua portuguesa**. 2010. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

FIGUEIREDO, Vilma. **Autoritarismo e erros**: uma viagem à União Soviética. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na Semiótica. **Organon**, v. 9, n. 23, p. 163-173, 1995.

_____. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoas. São Paulo: Ática, 1996.

_____. Modalização: da língua ao discurso. **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 171-192, 2000.

_____. **Semiótica das paixões**: o ressentimento. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 9-22, 2007. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1424/1125>>. Acesso em: 02 set. 2014.

_____. Semiótica e história. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagens em Diálogo**, n. 42, p. 15-34, 2011.

_____. **Elementos da Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

FIRCHOW, Peter. **The end of utopia**: a study of Aldous Huxley's Brave new world. Mississauga: Associated University Presses, 1984.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2010. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUXLEY, Aldous. **Regresso ao Admirável Mundo Novo**. Tradução Nunes Fonseca. São Paulo: Círculo do Livro, 1959.

_____. **Admirável Mundo Novo**. Tradução Lino Vallandro. São Paulo: Globo, 2009 [1932].

JOHNSON, Rebecca. The use of satire in Aldous Huxley's Brave New World. **JCCC Honors Journal**, v. 2, 2011. Disponível em: <http://scholarspace.jccc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1017&context=honors_journal>. Acesso em: 19 jun. 2016.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. 1999 [1948]. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2014.

MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira. Da semiótica das ações à semiótica das paixões. **Moara**, Belém, v. 22, p. 123-142, jul./dez. 2004.

_____. Sobre a Semiótica das Paixões. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 47-64, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3705/2979>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

NETTO, José Paulo. **O que é marxismo**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAVLOSKI, Evanir. **Admirável Mundo Novo: entre o pesadelo e o idílio utópico**. 2012. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

PIRIS, Eduardo. Paixões no discurso jornalístico: da confiança à decepção numa crônica política. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 1-7, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>>.

SALIBA, Elias. **As utopias românticas**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SARACINO, Antonio. **Humanity dehumanized**: Fordian and Freudian models in Huxley's Brave New World. Gotemburgo: Goteborg University, 2011. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/bitstream/2077/26180/1/gupea_2077_26180_1.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2016.

SARAIVA, José. Sujeito do discurso, crise de identidade e poéticas contemporâneas. **Casa**, v. 9, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/4715/4192>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

SIGNIFICADOS. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

TOLSTOY, Nikolai. **A guerra secreta de Stálin**. Tradução Aulyde Rodrigues. São Paulo: Círculo no Livro, 1981.